



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | **SAFRA 2020/21**
10º LEVANTAMENTO

JULHO 2021

VOLUME 8
NÚMERO

10

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor-Presidente Substituto da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Guilherme Augusto Sanches Ribeiro

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor-Executivo Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

José Jesus Trabulo de Sousa Júnior

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sérgio De Zen

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Candice Mello Romero Santos

Gerência de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Maurício Ferreira Lopes

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Jeferson Alves de Aguiar

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo

Fernando Arthur Santos Lima

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Colaboradores

Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Fernando Gomes da Motta (Gerpa - milho); Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo); João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão); Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Mozar de Araújo Salvador (Inmet); Sérgio Roberto G. S. Júnior (Geiap - arroz).

Colaboradores das superintendências

André Marques (AC); Adeildo Gomes de Santana Júnior e Bruno Barros Iales da Silva (AL); Glenda Queiroz e Thiago Augusto Maia (AM); Ednabel Lima, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro e Orfrezino Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, Elibernon Alves da Silva, José Iranildo da Silva Araújo, Luciano Gomes da Silva, Lincoln Sarli Cesar Guedes Lima, Lindeberg da Silva Magalhães, Flavio Henrique Linhares Magalhães, Francisco Antônio de Oliveira Lobato e Adriano José Rodrigues de Oliveira (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Espedito Leite Ferreira, Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Ronaldo Elias Campos e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento, Margareth de Cássia Oliveira Aquino, Raimundo Nonato Araújo de Melo e Rogério Prazeres da Silva (MA); José Henrique Rocha Viana de Oliveira, Warlen César Henriques Maldonado, Alessandro Lúcio Marques, Márcio Carlos Magno, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Matheus Carneiro de Souza, Samuel Valente Ferreira, Patrícia De Oliveira Sales e Pedro Pinheiro Soares (MG); Adirson Moreno Peixoto, Edson Yui, Getúlio Moreno, Lucílio de Matos Linhares e Marcelo de Oliveira Calisto (MS); Benancil Filho, Daniel Moreira, Gabriel Heise, Ismael Júnior, Patrícia Leite, Raul Azevedo, Rodrigo Slomoszynski e Rogério Souza (MT) Alexandre Augusto Pantoja Cidon e Raimundo Nonato da Cruz Filho (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Herivelton Marculino da Silva, Rodrigo Rogerio da Silva e Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça e Tito Stelmachuk (PR); Edgard Sousa Sobrinho, Hécio de Melo Freitas, Francisco Honorato de Sousa, Antônio Cleiton Vieira da Silva, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Rafael Vagner Oliveira Machado (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcideman Pereira, Janderson Maues do Nascimento e Karina de Melo (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Luciana Dall'Agnese, Marcio Renan Weber Schorr e Iure Rabassa Martins (RS); Marcelo Siste Campos, Ricardo Agustini Paschoal e Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bonfim de Oliveira Santos Júnior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes e Flaviano Gomes dos Santos (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli e Ivan Donizetti (SP); Felipe Thomaz de Souza Carvalho e Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondonia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondonia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Emater-ce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agroecuaría do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG) , Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater/RJ) ; Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2020/21
10º LEVANTAMENTO

Copyright © 2021 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues, Juliana Pacheco de Almeida, Luiza Aires, Marília Yamashita e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Capa: Acervo Conab

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 8, safra 2020/21, n. 10 décimo levantamento, julho. 2021.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/1843

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO	
16	INTRODUÇÃO	
18	ANÁLISE CLIMÁTICA	
24	ANÁLISE DAS CULTURAS	
24	ALGODÃO	
33	ARROZ	
38	FEIJÃO	
55	MILHO	
77	SOJA	
85	TRIGO	
94	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO	
106	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO	



RESUMO EXECUTIVO

Para a atual safra, 2020/21, estima-se um volume de 260,8 milhões de toneladas. O atraso no plantio das culturas de primeira safra, aliado ao comportamento climático irregular, impactaram negativamente o potencial produtivo das culturas de segunda safra, sobretudo do milho, resultando em alterações significativas na produtividade.

O dado final da produção de grãos ainda depende da colheita das culturas de segunda safra e do algodão que estão em andamento, e das culturas de terceira safra (casos de feijão e milho), além das culturas de inverno, com os plantios em fase final de semeadura.



CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

**Algodão**

Produção estimada em 2,34 milhões de toneladas de algodão em pluma.

**Arroz**

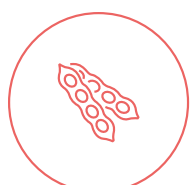
Produção estimada em 11,8 milhões de toneladas, aumento de 5,2% frente ao volume produzido na safra anterior; 10,8 milhões provêm de cultivos irrigados e cerca de 1 milhão em plantios de sequeiro.

**Feijão**

Estimada redução de 6,6% na produção das três safras, totalizando 3 milhões de toneladas. Para a primeira safra, a colheita já foi encerrada, a segunda safra está em fase final de colheita e a terceira safra finalizando o plantio.

**Milho**

Produção total estimada em 93,4 milhões de toneladas, redução de 9% sobre a produção de 2019/20. Desse total, são produzidos 24,9 milhões de toneladas na primeira safra, 66,97 milhões na segunda safra e 1,5 milhão na terceira safra.

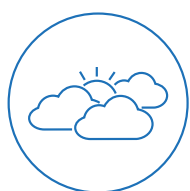
**Soja**

Produção recorde estimada em 135,9 milhões de toneladas, 8,9% ou 11 milhões de toneladas superior à produção da safra 2019/20. O Brasil é o maior produtor mundial da leguminosa.



Culturas de verão

Amendoim: produção total estimada em 596,7 mil toneladas, 7% acima da obtida em 2019/20.



Culturas de inverno

Aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale: plantio prestes à conclusão. Especificamente para o trigo, as estimativas preliminares indicam uma área de 2,63 milhões de hectares, e uma produção estimada de 8,5 milhões de toneladas.



TABELA 1 - ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA - EM 1.000 HA

Brasil	Estimativa de área plantada			Safras 2019/20 e 2020/21			
Culturas de verão	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Jun/2021 (b)	Jul/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão	1.665,6	1.366,8	1.367,0	-	(17,9)	0,2	(298,6)
Amendoim total	160,5	165,5	165,6	0,1	3,2	0,1	5,1
Amendoim 1ª safra	153,3	159,7	159,8	0,1	4,2	0,1	6,5
Amendoim 2ª safra	7,2	5,8	5,8	-	(19,4)	-	(1,4)
Arroz	1.665,8	1.683,6	1.682,1	(0,1)	1,0	(1,5)	16,3
Arroz sequeiro	366,9	379,3	378,8	(0,1)	3,2	(0,5)	11,9
Arroz irrigado	1.298,9	1.304,3	1.303,3	(0,1)	0,3	(1,0)	4,4
Feijão total	2.926,7	2.941,6	2.938,7	(0,1)	0,4	(2,9)	12,0
Feijão total cores	1.280,3	1.219,5	1.215,5	(0,3)	(5,1)	(4,0)	(64,8)
Feijão total preto	338,6	371,1	371,1	-	9,6	-	32,5
Feijão total caupi	1.307,8	1.351,0	1.352,1	0,1	3,4	1,1	44,3
Feijão 1ª safra	914,5	909,2	909,2	-	(0,6)	-	(5,3)
Cores	365,9	367,1	367,1	-	0,3	-	1,2
Preto	162,4	162,4	162,4	-	-	-	-
Caupi	386,2	379,7	379,7	-	(1,7)	-	(6,5)
Feijão 2ª safra	1.424,9	1.461,4	1.459,6	(0,1)	2,4	(1,8)	34,7
Cores	408,0	360,9	358,1	(0,8)	(12,2)	(2,8)	(49,9)
Preto	159,6	192,1	192,1	-	20,4	-	32,5
Caupi	857,3	908,4	909,4	0,1	6,1	1,0	52,1
Feijão 3ª safra	588,8	571,0	569,9	(0,2)	(3,2)	(1,1)	(18,9)
Cores	507,9	491,5	490,3	(0,2)	(3,5)	(1,2)	(17,6)
Preto	16,6	16,6	16,6	-	-	-	-
Caupi	64,3	62,9	63,0	0,2	(2,0)	0,1	(1,3)
Gergelim	175,0	161,1	161,1	-	(7,9)	-	(13,9)
Girassol	47,1	31,5	34,4	9,2	(27,0)	2,9	(12,7)
Mamona	45,5	47,4	47,0	(0,8)	3,3	(0,4)	1,5
Milho total	18.527,3	19.840,7	19.832,6	-	7,0	(8,1)	1.305,3
Milho 1ª safra	4.235,8	4.364,6	4.374,7	0,2	3,3	10,1	138,9
Milho 2ª safra	13.755,9	14.905,8	14.876,8	(0,2)	8,1	(29,0)	1.120,9
Milho 3ª safra	535,6	570,3	581,1	1,9	8,5	10,8	45,5
Soja	36.949,7	38.508,7	38.507,6	-	4,2	(1,1)	1.557,9
Sorgo	835,4	849,5	865,7	1,9	3,6	16,2	30,4
Subtotal	63.000,1	65.596,4	65.601,8	-	4,1	5,4	2.601,8
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Jun/2021 (b)	Jul/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	425,7	404,3	408,7	1,1	(4,0)	4,4	(17,0)
Canola	35,3	38,8	39,0	0,5	10,5	0,2	3,7
Centeio	4,7	3,7	3,7	-	(21,3)	-	(1,0)
Cevada	103,4	104,2	105,6	1,3	2,1	1,4	2,2
Trigo	2.341,5	2.530,2	2.629,6	3,9	12,3	99,4	288,1
Triticale	15,6	15,5	15,5	-	(0,6)	-	(0,1)
Subtotal	2.926,2	3.096,7	3.202,1	3,4	9,4	105,4	275,9
Brasil	65.926,3	68.693,1	68.803,9	0,2	4,4	110,8	2.877,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2021.



TABELA 2 - ESTIMATIVA DA PRODUTIVIDADE DE GRÃOS - EM KG/HA

Brasil	Estimativa da produtividade de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21			
Produto	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Jun/2021 (b)	Jul/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão - caroço (1)	2.625	2.498	2.498	-	(4,8)	0,3	(126,6)
Algodão em pluma	1.802	1.713	1.713	-	(4,9)	0,1	(88,6)
Amendoim total	3.474	3.606	3.603	(0,1)	3,7	(2,4)	129,1
Amendoim 1ª safra	3.554	3.679	3.679	-	3,5	(0,8)	124,2
Amendoim 2ª safra	1.771	1.579	1.534	(2,9)	(13,4)	(45,1)	(237,2)
Arroz	6.713	6.905	6.994	1,3	4,2	89,1	281,0
Arroz sequeiro	2.468	2.484	2.480	(0,2)	0,5	(3,8)	12,0
Arroz irrigado	7.913	8.191	8.307	1,4	5,0	115,3	393,9
Feijão total	1.104	1.046	1.024	(2,1)	(7,2)	(22,0)	(79,4)
Feijão total cores	1.568	1.539	1.483	(3,7)	(5,4)	(56,2)	(85,2)
Feijão total preto	1.504	1.360	1.310	(3,6)	(12,9)	(49,5)	(194,1)
Feijão total caupi	545	515	533	3,6	(2,2)	18,3	(11,7)
Feijão 1ª safra	1.209	1.113	1.113	-	(7,9)	(0,0)	(95,8)
Cores	1.664	1.656	1.657	0,1	(0,4)	1,2	(6,4)
Preto	1.927	1.532	1.529	(0,2)	(20,6)	(2,9)	(397,9)
Caupi	475	408	408	-	(14,1)	-	(67,0)
Feijão 2ª safra	874	848	824	(2,8)	(5,7)	(23,6)	(49,5)
Cores	1.398	1.359	1.249	(8,1)	(10,6)	(109,9)	(148,8)
Preto	1.155	1.269	1.176	(7,3)	1,8	(93,2)	20,5
Caupi	573	556	583	4,9	1,7	27,0	9,9
Feijão 3ª safra	1.481	1.447	1.395	(3,6)	(5,8)	(52,7)	(86,6)
Cores	1.636	1.584	1.523	(3,8)	(6,9)	(61,0)	(112,6)
Preto	725	725	725	(0,1)	-	(0,4)	(0,1)
Caupi	590	568	570	0,3	(3,4)	1,9	(20,3)
Gergelim	547	689	689	-	26,0	-	142,2
Girassol	1.590	1.899	1.513	(20,3)	(4,8)	(386,2)	(77,0)
Mamona	951	743	743	-	(21,8)	0,2	(207,3)
Milho total	5.537	4.858	4.709	(3,1)	(15,0)	(149,7)	(828,4)
Milho 1ª safra	6.065	5.663	5.694	0,5	(6,1)	30,7	(371,0)
Milho 2ª safra	5.456	4.693	4.502	(4,1)	(17,5)	(191,6)	(953,9)
Milho 3ª safra	3.305	3.011	2.589	(14,0)	(21,6)	(421,9)	(715,2)
Soja	3.379	3.528	3.529	-	4,5	1,4	150,7
Sorgo	2.991	3.100	2.846	(8,2)	(4,9)	(254,6)	(145,3)
Subtotal	3.960	3.869	3.822	(1,2)	(3,5)	(47,0)	(138,0)
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Jun/2021 (b)	Jul/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	1.987	2.193	2.515	14,7	26,6	322,0	528,0
Canola	912	1.255	1.567	24,9	71,8	312,0	655,0
Centeio	2.213	2.216	2.568	15,9	16,0	352,0	355,0
Cevada	3.621	3.777	4.016	6,3	10,9	239,0	395,0
Trigo	2.663	2.744	3.225	17,5	21,1	481,0	562,0
Triticale	2.628	2.839	3.090	8,8	17,6	251,0	462,0
Subtotal	2.576	2.688	3.139	16,8	21,9	451,0	563,0
Brasil (2)	3.899	3.816	3.790	(0,7)	(2,8)	(25,6)	-108,2

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2021.



TABELA 3 - ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DE GRÃOS - EM 1.000 T

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21			
Produto	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Jun/2021 (b)	Jul/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão - caroço (1)	4.371,3	3.413,8	3.414,6	-	(21,9)	0,8	(956,7)
Algodão em pluma	3.001,6	2.342,0	2.342,4	-	(22,0)	0,4	(659,2)
Amendoim total	557,5	596,7	596,7	-	7,0	-	39,2
Amendoim 1ª safra	544,8	587,6	587,8	-	7,9	0,2	43,0
Amendoim 2ª safra	12,7	9,1	8,9	(2,2)	(29,9)	(0,2)	(3,8)
Arroz	11.183,4	11.626,2	11.765,6	1,2	5,2	139,4	582,2
Arroz sequeiro	905,5	942,1	939,5	(0,3)	3,8	(2,6)	34,0
Arroz irrigado	10.277,9	10.684,1	10.826,1	1,3	5,3	142,0	548,2
Feijão total	3.222,6	3.077,0	3.009,6	(2,2)	(6,6)	(67,4)	(213,0)
Feijão total cores	2.008,0	1.876,9	1.802,5	(4,0)	(10,2)	(74,4)	(205,5)
Feijão total preto	509,5	504,6	486,3	(3,6)	(4,6)	(18,3)	(23,2)
Feijão total caupi	712,6	695,6	720,9	3,6	1,2	25,3	8,3
Feijão 1ª safra	1.105,6	1.011,7	1.011,7	-	(8,5)	-	(93,9)
Cores	609,0	607,9	608,4	0,1	(0,1)	0,5	(0,6)
Preto	313,0	248,8	248,3	(0,2)	(20,7)	(0,5)	(64,7)
Caupi	183,6	155,1	155,1	-	(15,5)	-	(28,5)
Feijão 2ª safra	1.245,2	1.239,1	1.203,1	(2,9)	(3,4)	(36,0)	(42,1)
Cores	569,7	490,4	447,3	(8,8)	(21,5)	(43,1)	(122,4)
Preto	184,5	243,8	226,0	(7,3)	22,5	(17,8)	41,5
Caupi	491,1	504,8	529,9	5,0	7,9	25,1	38,8
Feijão 3ª safra	872,1	826,3	794,7	(3,8)	(8,9)	(31,6)	(77,4)
Cores	822,1	778,6	746,8	(4,1)	(9,2)	(31,8)	(75,3)
Preto	12,0	12,0	12,0	-	-	-	-
Caupi	37,9	35,7	35,9	0,6	(5,3)	0,2	(2,0)
Gergelim	95,8	111,1	111,1	-	16,0	-	15,3
Girassol	74,9	59,9	52,1	(13,0)	(30,4)	(7,8)	(22,8)
Mamona	43,3	35,2	34,9	(0,9)	(19,4)	(0,3)	(8,4)
Milho total	102.586,4	96.392,1	93.384,6	(3,1)	(9,0)	(3.007,5)	(9.201,8)
Milho 1ª safra	25.689,6	24.717,6	24.909,2	0,8	(3,0)	191,6	(780,4)
Milho 2ª safra	75.053,2	69.957,0	66.970,5	(4,3)	(10,8)	(2.986,5)	(8.082,7)
Milho 3ª safra	1.843,6	1.717,3	1.504,7	(12,4)	(18,4)	(212,6)	(338,9)
Soja	124.844,8	135.861,0	135.911,7	-	8,9	50,7	11.066,9
Sorgo	2.498,4	2.633,8	2.463,7	(6,5)	(1,4)	(170,1)	(34,7)
Subtotal	249.478,4	253.806,8	250.744,6	(1,2)	0,5	(3.062,2)	1.266,2
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Jun/2021 (b)	Jul/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	845,7	886,7	1.027,7	15,9	21,5	141,0	182,0
Canola	32,2	48,7	61,1	25,5	89,8	12,4	28,9
Centeio	10,4	8,2	9,5	15,9	(8,7)	1,3	(0,9)
Cevada	374,4	393,6	424,1	7,7	13,3	30,5	49,7
Trigo	6.234,6	6.942,1	8.480,2	22,2	36,0	1.538,1	2.245,6
Triticale	41,0	44,0	47,9	8,9	16,8	3,9	6,9
Subtotal	7.538,3	8.323,3	10.050,5	20,8	33,3	1.727,2	2.512,2
Brasil (2)	257.016,7	262.130,1	260.795,1	(0,5)	1,5	(1.335,0)	3.778,4

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2021.



TABELA 4 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF – PRODUTOS SELECIONADOS

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados(*)						Safras 2019/20 e 2020/21		
Região/uf	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.293,2	3.595,1	9,2	3.537	3.415	(3,4)	11.649,6	12.278,1	5,4
RR	76,6	93,8	22,5	4.103	4.015	(2,1)	314,3	376,6	19,8
RO	602,5	662,8	10,0	3.992	3.950	(1,1)	2.405,3	2.617,8	8,8
AC	47,5	54,7	15,2	2.147	2.254	5,0	102,0	123,3	20,9
AM	18,7	20,9	11,8	2.230	2.292	2,8	41,7	47,9	14,9
AP	24,4	8,5	(65,2)	2.574	1.847	(28,2)	62,8	15,7	(75,0)
PA	963,4	1.143,1	18,7	2.979	2.977	(0,1)	2.870,1	3.403,3	18,6
TO	1.560,1	1.611,3	3,3	3.752	3.533	(5,8)	5.853,4	5.693,5	(2,7)
NORDESTE	8.187,7	8.494,5	3,7	2.823	2.792	(1,1)	23.109,9	23.712,9	2,6
MA	1.605,1	1.656,2	3,2	3.489	3.574	2,4	5.600,2	5.919,0	5,7
PI	1.535,2	1.629,0	6,1	3.282	3.224	(1,8)	5.038,5	5.252,4	4,2
CE	913,1	941,9	3,2	875	794	(9,2)	798,7	748,2	(6,3)
RN	118,3	98,0	(17,2)	538	510	(5,1)	63,6	50,0	(21,4)
PB	212,9	212,1	(0,4)	649	547	(15,7)	138,1	116,0	(16,0)
PE	465,2	464,6	(0,1)	676	536	(20,7)	314,4	249,1	(20,8)
AL	78,2	84,4	7,9	1.331	1.455	9,3	104,1	122,8	18,0
SE	162,5	172,2	6,0	5.843	4.478	(23,4)	949,5	771,1	(18,8)
BA	3.097,2	3.236,1	4,5	3.261	3.240	(0,6)	10.102,8	10.484,3	3,8
CENTRO-OESTE	28.480,6	29.495,9	3,6	4.349	3.993	(8,2)	123.866,9	117.781,0	(4,9)
MT	17.212,4	17.714,8	2,9	4.351	4.145	(4,7)	74.898,9	73.436,3	(2,0)
MS	5.029,5	5.427,1	7,9	4.085	3.480	(14,8)	20.548,0	18.885,1	(8,1)
GO	6.074,3	6.187,6	1,9	4.535	3.991	(12,0)	27.547,2	24.696,8	(10,3)
DF	164,4	166,4	1,2	5.309	4.584	(13,7)	872,8	762,8	(12,6)
SUDESTE	5.855,0	6.251,6	6,8	4.214	3.927	(6,8)	24.671,6	24.551,0	(0,5)
MG	3.492,8	3.828,6	9,6	4.401	3.994	(9,3)	15.371,3	15.290,1	(0,5)
ES	26,0	21,9	(15,8)	1.823	1.986	9,0	47,4	43,5	(8,2)
RJ	2,7	2,2	(18,5)	2.000	2.227	11,4	5,4	4,9	(9,3)
SP	2.333,5	2.398,9	2,8	3.963	3.840	(3,1)	9.247,5	9.212,5	(0,4)
SUL	20.108,1	20.966,8	4,3	3.666	3.933	7,3	73.718,2	82.472,1	11,9
PR	9.807,2	10.278,4	4,8	4.166	3.731	(10,4)	40.854,0	38.353,3	(6,1)
SC	1.287,0	1.343,4	4,4	5.075	4.430	(12,7)	6.530,9	5.951,5	(8,9)
RS	9.013,9	9.345,0	3,7	2.921	4.084	39,8	26.333,3	38.167,3	44,9
NORTE-NORDESTE	11.480,9	12.089,6	5,3	3.028	2.977	(1,7)	34.759,5	35.991,0	3,5
CENTRO-SUL	54.443,7	56.714,3	4,2	4.082	3.964	(2,9)	222.256,7	224.804,1	1,1
BRASIL	65.924,6	68.803,9	4,4	3.899	3.790	(2,8)	257.016,2	260.795,1	1,5

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2021.



INTRODUÇÃO

Seguindo o calendário de divulgações, a Conab apresenta o décimo levantamento da safra 2020/21 de grãos, com informações atualizadas das culturas de primeira, segunda e terceira safras e de inverno em relação à área plantada, à produtividade média e à produção. Além disso, discorre sobre o andamento das operações de plantio, crescimento, desenvolvimento e colheita dessas culturas, as condições climáticas encontradas nas regiões produtoras e de mercado.

As ações estabelecidas pela empresa, para o levantamento das safras, estão em conformidade com as medidas de biossegurança federais, estaduais e municipais de combate à pandemia do coronavírus, que destacam, entre outras medidas, a necessidade do isolamento como forma de atenuar os impactos na saúde dos empregados e dos colaboradores.

Essas medidas de combate à pandemia obrigaram a empresa a fazer adequações na sua rotina, procedendo a suspensão de algumas viagens, contatos presenciais, visitas às lavouras etc. e, em ato contínuo, instruiu as diversas dependências da empresa a intensificar o uso das ferramentas de tecnologia disponível e reforçar as parcerias, de maneira a não



comprometer a qualidade dos serviços prestados e preservar a saúde de todos.

Como parte do aprimoramento dos levantamentos e análises dos dados de safra, desde outubro de 2020, a Conab passou a divulgar, semanalmente, o progresso de safras das principais culturas, disponível neste site <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progresso-de-safra>, mantendo-se como referência na produção de dados e informações para o agronegócio brasileiro. Nos arquivos de progresso de safra é possível acompanhar a evolução do plantio, colheita e a fenologia das lavouras.

O levantamento é fruto do trabalho realizado por cerca de 80 técnicos das superintendências regionais, localizadas em todas as Unidades da Federação.

Neste trabalho, além da pesquisa subjetiva, são utilizados métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, análises fitotécnicas e de mercado, bem como outras informações que complementam os métodos citados.



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE JUNHO

Em junho, período seco na maior parte das regiões produtoras, os maiores volumes de chuva ocorreram principalmente no norte da Região Norte, na faixa leste do Nordeste e no Rio Grande do Sul. Destaque para a forte onda de frio que atingiu grande parte do país na última semana do mês.

A Região Norte vem acumulando grandes volumes de precipitação na parte norte de seu território, com totais na faixa entre 150 mm e 400 mm. Já nas localidades mais ao sul, sul do Pará e em Tocantins, os totais ficaram entre 10 mm e 50 mm.

No Centro-Oeste, os acumulados ficaram entre 10 mm e 30 mm na maioria das localidades, porém no sul do Mato Grosso do Sul, foram observados volumes entre 20 mm e 40 mm. Em Brasília, apesar de ter tido a maioria dos dias sem chuva, o total acumulado de 29 mm em apenas dois dias foi cerca de seis vezes mais que a média do mês. No final do mês, a chegada de uma massa de ar frio derrubou as temperaturas em quase toda a

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet - Brasília.



região, com temperaturas abaixo de 5 °C, por exemplo, em Rio Verde-GO, com mínima de 1,2 °C no dia 30 de junho.

No Sudeste também houve grande contraste na distribuição espacial das chuvas. Os menores volumes foram no centro-norte de São Paulo e em Minas Gerais, com totais na faixa entre 10 mm e 40 mm. No sul de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, os totais variaram entre 30 mm e 70 mm. As temperaturas também tiveram forte queda no final do mês, chegando a atingir valores negativos, como em Monte Verde-MG, com -2,7 °C.

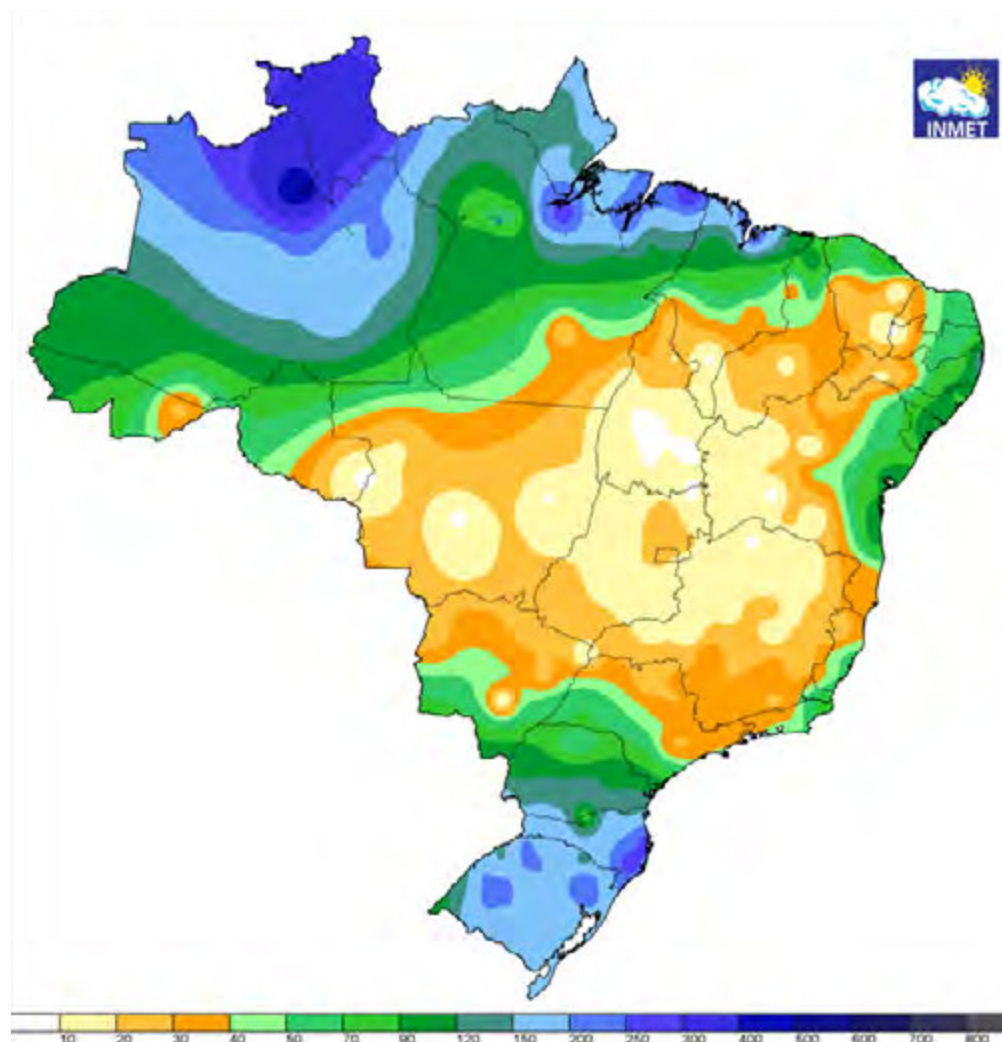
Na Região Nordeste, junho teve seus maiores volumes na faixa leste, entre Salvador e Natal e no extremo-norte do Maranhão e Piauí, com totais acumulados entre 100 mm e 250 mm. Nas demais localidades da região, os volumes ficaram, predominantemente, entre 10 mm e 50 mm.

A precipitação na Região Sul teve seus maiores volumes no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Os totais pluviométricos nesses dois estados ficaram entre 120 mm e 300 mm, o suficiente para alcançar ou ultrapassar a média histórica na maioria das localidades. No Paraná, as chuvas foram mais irregulares, o que resultou em acumulados inferiores aos outros estados da região, com totais entre 30 mm e 120 mm. Houve registro de temperaturas mínimas negativas em diversas localidades da região, como em Bom Jardim da Serra-SC, com -7,5 °C no dia 29.

Além da queda nas temperaturas, a onda de frio causou geada em diversas localidades das Regiões Sul e Sudeste, entre 27 e 30 de junho.



FIGURA 1 - MAPA DE PRECIPITAÇÃO ACUMULADA EM JUNHO DE 2021



Fonte: Inmet.

CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Em junho, o Oceano Pacífico Equatorial se manteve na sua fase neutra das anomalias de temperatura da superfície do mar (TSM), como observado no mapa de anomalias de TSM.

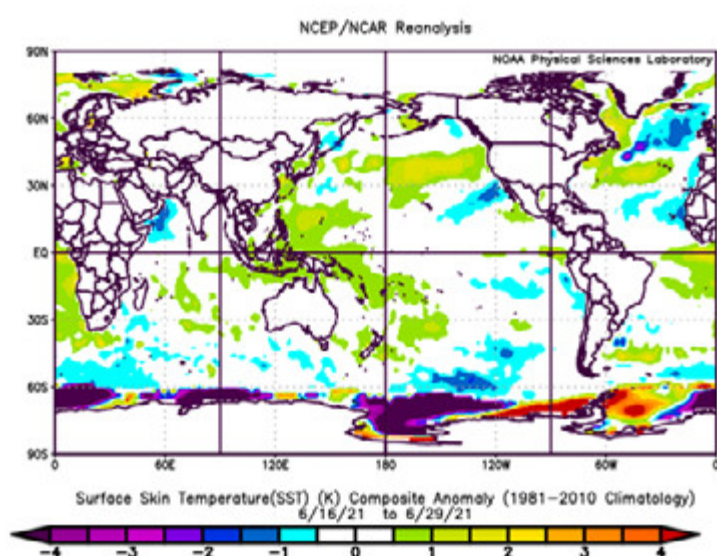
Os registros diários da TSM no Oceano Pacífico Equatorial nas últimas semanas confirmam que as anomalias da temperatura média estiveram



dentro da faixa de neutralidade, como pode ser observado no gráfico diário de anomalia de TSM na área 3.4 de El Niño/La Niña (entre 170°W-120°W).

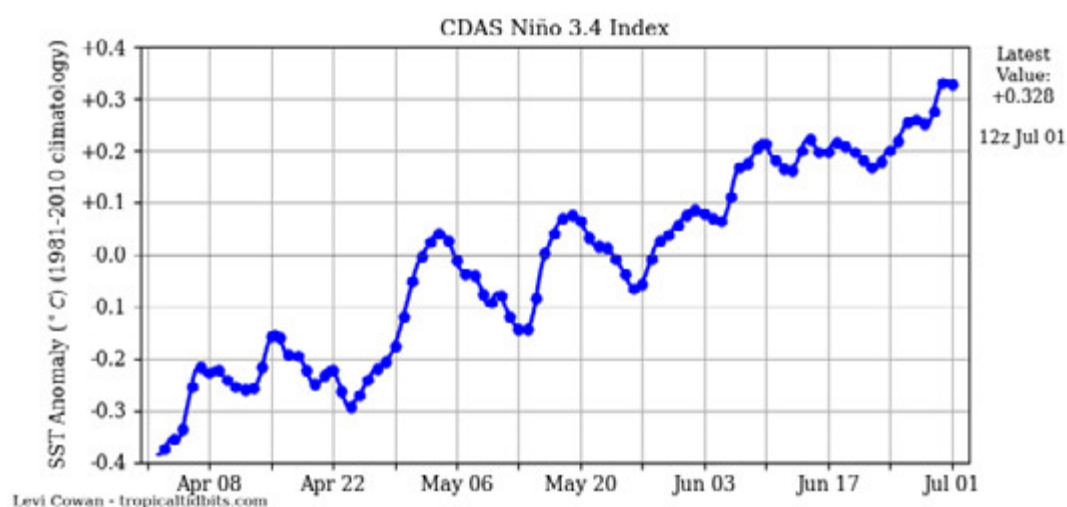
Considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está na fase neutra quando as anomalias médias de TSM estão entre -0,5 °C e +0,5 °C.

FIGURA 2 - MAPA DE ANOMALIAS DA TSM NO PERÍODO DE 16 A 29/6/2021



Fonte: Tropical Tidbits
Disponível em: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

FIGURA 3 - GRÁFICO DE MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4

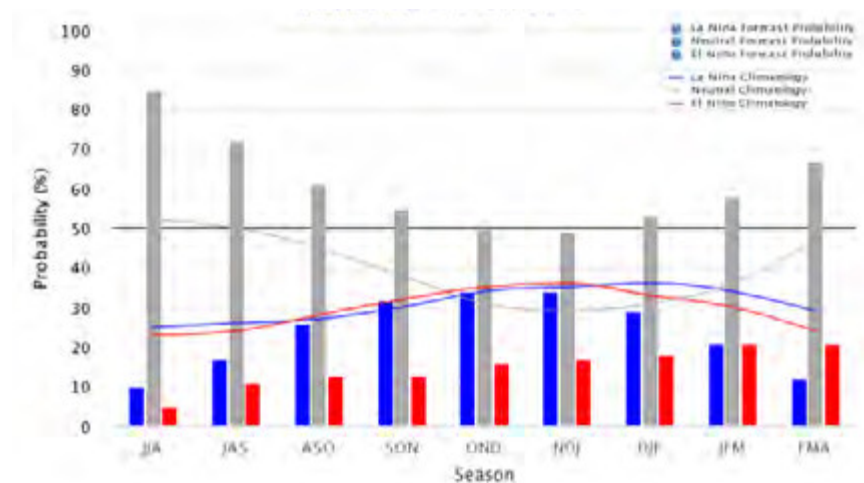


Fonte: Tropical Tidbits
Disponível em: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.



O gráfico com a média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña apresenta probabilidade de 72% de continuidade da fase de neutralidade no trimestre julho, agosto e setembro de 2021. Segundo a previsão, a fase de neutralidade tem alta probabilidade de se manter até o início de 2022.

FIGURA 4 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI

Disponível em: (<https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current>).

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO JULHO-AGOSTO-SETEMBRO/2021

Para a Região Sul, as previsões climáticas indicam que o trimestre deve ficar com chuvas dentro da faixa normal ou abaixo em praticamente toda a região. Há possibilidade de áreas com chuvas próximas ou acima da média no sul do Rio Grande do Sul.

As Regiões Centro-Oeste e Sudeste estão em seu período seco, e as previsões com probabilidades de chuvas abaixo da média apenas reforçam que o período deve ficar dentro da característica típica, com predomínio de áreas com pouca ou nenhuma precipitação. Os maiores

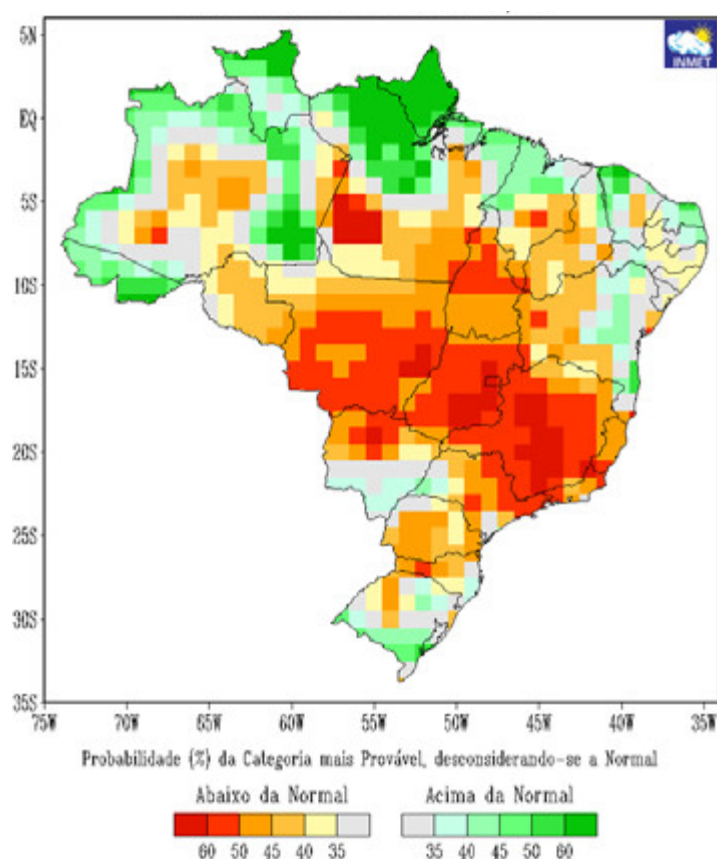


volumes podem ocorrer no Rio de Janeiro, Espírito Santo e sul de São Paulo.

Nas Regiões Norte e Nordeste, predomínio de áreas com probabilidade de chuvas na faixa normal ou acima no extremo-norte dessas regiões, entre Roraima e o Maranhão, e também no leste da Região Nordeste. No sul do Piauí, Maranhão e no oeste da Bahia, tendência de chuvas dentro da faixa normal ou abaixo.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet (<https://portal.inmet.gov.br>).

FIGURA 5 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE JULHO-AGOSTO-SETEMBRO/2021



1 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet - Brasília.
Fonte: Inmet.



ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

1.367mil ha
-17,9%

PRODUTIVIDADE

1.713 kg/ha
-4,9%

PRODUÇÃO

2,3 milhões t
-22%

Comparativo com safra anterior
Algodão em pluma
Fonte: Conab.

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.764,9 mil t
PRODUÇÃO 2.342,4 mil t
IMPORTAÇÕES 1 mil t
4.108,3 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 680 mil t
EXPORTAÇÕES 2.225 mil t
2.905 mil t

A colheita já começou em algumas regiões produtoras de algodão nesta safra 2020/21. Percebe-se que além da redução na área plantada (17,9% inferior à temporada passada), esse ciclo deverá apresentar oscilações quanto ao rendimento das lavouras, visto que muitas áreas, especialmente aquelas que tiveram um plantio mais tardio, registraram períodos de escassez de precipitações em fases críticas do desenvolvimento das plantas, impactando no potencial produtivo da cultura. Assim, a perspectiva atual é de diminuição também na produtividade média em comparação à safra anterior, devendo perfazer uma produção de 5.757



mil toneladas de algodão em caroço obtidas ou 2.342,4 mil toneladas de algodão em pluma, representando decréscimo de 22% em relação ao resultado alcançado em 2019/20 (que foi uma safra de produção recorde para a cotonicultura brasileira).

OFERTA E DEMANDA

Em 2021, exceto janeiro, o Brasil bateu recordes mensais de exportação. Diante da grande produção da safra 2019/20, de 3 milhões de toneladas de pluma, o Brasil se tornou um exportador regular, fazendo com que os volumes vendidos ao exterior sejam elevados mesmo no momento final da entressafra. No acumulado de junho, segundo o Ministério da Economia, o país embarcou para o exterior 100,6 mil toneladas de pluma. Essa quantidade, apesar de 12% menor que o exportado no mês anterior, maio, é 77% superior ao exportado em junho de 2020 e 193% acima da média de junho dos últimos cinco anos. Em relação ao período comercial, de julho de 2020 a junho de 2021, foram exportados 2,41 milhões de toneladas, o maior volume já verificado em 1 ano comercial, volume que supera os 1,91 milhão de toneladas do período anterior em 26,2%. A receita com as vendas externas em julho foram de 176 milhões.

Neste décimo levantamento, a expectativa é que o Brasil colha na safra 2020/21 um total de 2,34 milhões de toneladas de pluma, queda de 22% em relação à safra passada, volume praticamente igual ao estimado no levantamento anterior. Já em relação ao consumo interno, dado ao avanço da vacinação, ao menor isolamento e à retomada verificada da economia brasileira, projeta-se a demanda doméstica em 715 mil toneladas, volume 5% superior ao projetado no levantamento anterior.



Diante da expectativa de maior consumo das indústrias nacionais e da menor produção da safra 2020/21, há a possibilidade do volume a ser exportado no segundo semestre de 2021 ser menor que o embarcado no mesmo período de 2020. Desse modo, a Conab estima para esse ano que o Brasil exporte pouco mais de 2 milhões de toneladas. A perspectiva é que o estoque final de 2021 termine com cerca de 1,3 milhão de toneladas, queda de 7% em relação ao final de 2020. Esse cenário de menor oferta interna deverá manter os preços no mercado doméstico elevados e proporcionar boa rentabilidade ao produtor de algodão.

TABELA 5 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	652,4	1.562,8	2,1	2.217,3	670,0	834,3	713,0
2015/16	713,0	1.289,2	27,0	2.029,2	640,0	804,0	585,1
2016/17	585,1	1.529,5	33,6	2.148,3	685,0	834,1	629,1
2017/18	629,1	2.005,8	30,0	2.665,0	670,0	974,0	1.029,9
2018/19	1.020,9	2.778,8	1,7	3.801,4	700,0	1.613,7	1.487,7
2019/20	1.487,7	3.001,6	1,0	4.490,3	600,0	2.125,4	1.764,9
2020/21	Jun/21	1.764,9	2.342,0	1,0	4.107,9	2.225,0	1.202,9
	Jul/21	1.764,9	2.342,4	1,0	4.108,3	2.006,0	1.387,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2021.

Estoque de Passagem - Algodão: 31 de Dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL

Na Região Centro-Oeste, considerada a maior região produtora do país, houve diminuição de 18,3% na área plantada em comparação ao visualizado na temporada anterior. Ao todo, foram semeados cerca de 1.007,8 mil hectares nesta safra 2020/21, distribuídos entre os três estados da região, porém a maior redução absoluta foi registrada em Mato Grosso, motivada, principalmente, pela substituição de áreas antes voltadas para cotonicultura, que, neste ciclo, em virtude das condições de mercado,



foram direcionadas à semeadura de milho segunda safra, além do estreitamento da janela ideal de plantio em virtude do atraso no ciclo da soja. Nesse estado, entretanto, a estimativa de área plantada em 2020/21 ficou em 956,1 mil hectares, destinação menor que os 1.166 mil hectares semeados no exercício passado.

Quanto ao desenvolvimento das lavouras, o presente momento já reserva o início da colheita, particularmente naquelas áreas em que a semeadura ocorreu ainda no fim de 2020, e que, por esse motivo, vêm apresentando um rendimento mais satisfatório, pois não enfrentaram o período de estiagem (especialmente de março a maio) durante as fases mais susceptíveis às perdas relacionadas ao estresse hídrico. Diferentemente das lavouras consideradas de segunda safra, que tiveram o plantio mais tardio e que, por consequência, encararam esse momento de falta de chuvas em estádios cruciais, como floração e formação de maçãs. Dessa forma, a expectativa atual é de redução na produtividade média em comparação a 2019/20 e também na produção total, devendo alcançar um volume final de 3.922,9 mil toneladas de algodão em caroço.

Em Goiás também houve redução na área plantada em comparação à temporada anterior. Foram aproximadamente 27,3 mil hectares semeados com a cultura neste ciclo, simbolizando diminuição de 23,1% em relação a 2019/20. Essa variação de área é reflexo da alta concorrência de área para o cultivo de outras graníferas, como milho e soja, que atualmente têm apresentado muito boa rentabilidade, além da diminuição da demanda mundial pela pluma do algodão.

A colheita já começou no estado, especialmente nos dois principais polos produtores: Cristalina e Chapadão do céu. De modo geral, o andamento



ainda é incipiente e apresenta atraso em comparação à evolução das operações da safra passada, até em decorrência das chuvas registradas em junho e que postergaram a maturação da fibra. No entanto, deve haver intensificação dos trabalhos a partir de julho, com previsão de encerramento até setembro, visando a adequação ao calendário de vazios sanitários.

Ao longo do ciclo houve relatos de ataques mais intensos de pragas como lagarta *Helicoverpa*, mosca-branca, ácaro e bicudo do algodoeiro, demandando um controle mais expressivo para as lavouras. Porém, a estimativa geral é de um rendimento médio próximo daquele obtido em 2019/20, alcançando os 4.300 kg/ha. Já para a produção, espera-se um volume total de 117,4 mil toneladas de algodão em caroço, apontando redução em comparação à safra passada, particularmente pela diminuição na área plantada.

Na Região Nordeste, a Bahia, segundo maior produtor nacional, também apresenta expressiva redução na área plantada em comparação à safra 2019/20, ficando em 269,2 mil hectares semeados, contra 313,7 mil hectares naquele período. Essa diminuição é fruto da retração do mercado ocorrida durante a pandemia de Covid-19, que provocou a paralisação das vendas, além da erradicação de lavouras de segundo ciclo no centro-norte baiano em razão do plano de defesa agropecuário local, visando o combate do bicudo do algodoeiro.

A colheita já foi iniciada no estado, exclusivamente nas lavouras manejadas em sequeiro, mas o ritmo das operações ainda é incipiente, devendo se intensificar a partir de julho e se estender até o final de agosto. No geral, o rendimento médio esperado tem se mantido próximo daquele visualizado na temporada passada, favorecido pela ocorrência de



chuvas em períodos críticos, além da redução das precipitações nas fases de maturação, garantindo boa sanidade para as plantas e boa qualidade das fibras. No entanto, a diminuição da área semeada deve impactar diretamente o resultado da safra, prevendo-se redução na produção total em comparação a 2019/20, alcançando cerca de 1.268,7 mil toneladas de algodão em caroço ou 507,5 mil toneladas de algodão em pluma (decréscimo de 14,9% em relação ao volume colhido no ciclo passado).

Além da Bahia, o Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte também apresentam produção de algodão na Região Nordeste. A destinação de área é expressivamente menor nessas localidades, se comparadas à cotonicultura baiana, mas potencializam a produção regional. De modo geral, houve redução nas áreas plantadas nesses estados (exceção feita a Alagoas) em comparação ao visualizado na safra 2019/20, impactando no volume final previsto. Ainda assim, uma produção representativa deve ser colhida, especialmente no Maranhão e no Piauí. Nessas regiões, as lavouras estão, majoritariamente, em fase reprodutiva, entre formação de maçãs e maturação.

Na Região Sudeste, Minas Gerais se destaca na produção da fibra. Para esta safra foram destinados cerca de 29 mil hectares à cotonicultura mineira, representando redução de 24% em comparação à área plantada em 2019/20. Tal decréscimo se justifica pela concorrência de área com outras culturas como soja, milho e feijão, que, nesta temporada, têm apresentado melhores rentabilidades. Atualmente, as lavouras estão demonstrando redução no potencial produtivo em razão do baixo regime pluviométrico registrado nos últimos meses, impactando assim, no rendimento médio esperado para a cultura, que, nesse momento, está em 3.661 kg/ha de algodão em caroço (13,5% inferior à produtividade média obtida na



temporada anterior). Assim, a perspectiva para produção final é pessimista, podendo apresentar diminuição de 34,1% em relação ao resultado da safra passada. A colheita está em andamento.

Em São Paulo, a colheita está praticamente finalizada nos 4,7 mil hectares cultivados com a cultura nesta temporada. Houve redução significativa na área plantada nesta safra e isso ajudou a concentrar a maior parte do cultivo em uma janela de plantio menor, fazendo com que as lavouras estivessem em fases próximas dentro do ciclo de desenvolvimento da cultura. Vale destacar que muitos produtores tradicionais de algodão, especialmente na região de Avaré, optaram pelo plantio de soja em detrimento da cultura, aproveitando o momento de preços atrativos que a soja tem apresentado. A perspectiva geral é de uma produção de qualidade entre boa e regular, com obtenção de aproximadamente 18,7 mil toneladas de algodão em caroço ou 7,3 mil toneladas de algodão em pluma (redução de 57,6% em comparação ao volume produzido em 2019/20).

Na Região Sul, o Paraná foi o único estado produtor de algodão nesta safra. Houve redução na área semeada em relação a 2019/20 devido à competição de área com outras culturas. Ao todo, foram 800 hectares destinados à cotonicultura neste ciclo, e a produção total chegou a 900 toneladas, de algodão em pluma também representando diminuição em comparação ao volume obtido no ciclo anterior (decréscimo de 30,8%).

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS GERAIS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES



FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – ALGODÃO

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Algodão - Safra 2020/2021										
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra		S/E	DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra			S	E/DV	DV	F	F/FM	FM/M	M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	S	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	M/C	C	
	Centro Sul Baiano	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM/M	M/C	M/C	C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV	F	F/FM/M	FM/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

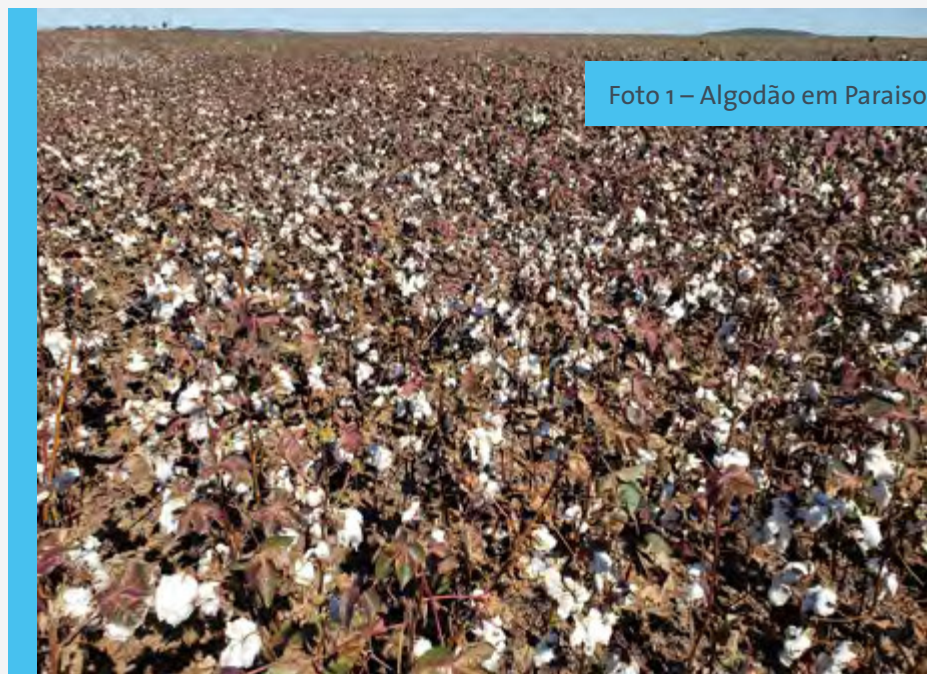


Foto 1 – Algodão em Paraíso das Águas - MS

Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.682,1 mil ha
+1%

PRODUTIVIDADE

6.994 kg/ha
-4,2%

PRODUÇÃO

11.765,6 mil t
-5,2%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.595,8 mil t

PRODUÇÃO 11.765,6 mil t

IMPORTAÇÕES 1.100 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 10.800 mil t

EXPORTAÇÕES 1.300 mil t

A safra chegou ao fim com um resultado superior àquele visualizado na temporada passada. Houve um pequeno aumento na área plantada e um incremento percentual maior na produtividade média, levando a obtenção de um volume total de 5,2% acima do registrado em 2019/20. Ao todo foram cerca de 11,8 milhões de toneladas colhidas, com grande destaque para a produção no Sul do país, especialmente Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra brasileira 2020/21 de arroz será 5,2% maior que a safra 2019/20. Este resultado é reflexo principalmente das estimativas de incremento da produtividade (+4,2%). Outro fator preponderante é a área, que aponta para uma menor expansão (+1) do que inicialmente prevista nos modelos estatísticos.

Cabe ressaltar que a área estimada no presente trabalho foi resultado de pesquisa a campo dos nossos colaboradores das superintendências regionais. Como principais fatores da expansão aquém do previsto, apesar do atual elevado patamar de preço do arroz, destacam-se a falta de água em algumas



regiões do Rio Grande do Sul e os elevados preços dos grãos que competem por área com a cultura do arroz (soja e milho).

Especificamente sobre o quadro de oferta e demanda do arroz, neste décimo levantamento não houve significativa alteração dos números apresentados no nono levantamento, com exceção da revisão de aumento da produção da safra 2020/21. Com isso, segue a perspectiva para ao longo de 2021, de recomposição dos estoques de passagem, como resultado da projeção de retração do consumo em razão das estimativas de recuperação econômica, haja vista a elasticidade-renda negativa do arroz. Sobre a balança comercial, os preços mais elevados no primeiro semestre de 2021, somados à estimativa de fortalecimento da moeda nacional, reduzirá o ritmo de exportações identificado na safra 2019/20, e a projeção é que o país venda 1,3 milhão de toneladas na safra 2020/21. Com isso, a expectativa é que o período encerre com um ameno superavit de 200 mil toneladas na balança comercial do grão, com importações de 1,1 milhão de toneladas para o mesmo período.

TABELA 6- BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	2.304,9	12.448,6	510,0	15.263,5	11.830,5	1.311,1	2.121,9
2015/16	2.121,9	10.603,0	1.044,1	13.769,0	11.096,6	935,5	1.736,9
2016/17	1.736,9	12.327,8	1.141,7	15.206,4	12.215,7	868,8	2.121,9
2017/18	2.121,9	12.064,2	842,7	15.028,8	10.793,7	1.809,3	2.425,8
2018/19	2.425,8	10.483,6	1.012,5	13.921,9	10.544,6	1.432,3	1.945,0
2019/20	1.945,0	11.183,4	1.280,8	14.409,2	11.000,0	1.813,4	1.595,8
2020/21	Jun/21	1.595,8	11.626,2	1.100,0	14.322,0	10.800,0	2.222,0
	Jul/21	1.595,8	11.765,6	1.100,0	14.461,4	10.800,0	2.361,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2021.

Estoque de Passagem - Arroz: 31 de Dezembro.



ANÁLISE ESTADUAL

Na Região Norte houve incremento na área plantada em 2% em comparação à safra anterior, além de crescimento na produtividade média, perfazendo assim uma produção total de 6,1% superior àquela apresentada em 2019/20 (totalizando 1.052,2 mil toneladas colhidas). Dessa forma, a região se configurou como a segunda maior produtora nacional de arroz, tendo como maior destaque a produção em Tocantins (obteve um pouco mais de 692,2 mil toneladas de arroz nesta temporada, com a maioria oriunda da rizicultura irrigada).

Na Região Nordeste também ocorreu aumento na área plantada, especialmente no Maranhão, Piauí e Ceará. Atrelado a isso, houve boas condições climáticas ao longo do ciclo, o que possibilitou incremento no rendimento médio regional, alcançando 2.114 kg/ha. Portanto, a produção geral ficou em 351,1 mil toneladas, representando acréscimo de 8,4% em comparação ao volume colhido em 2019/20.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, o resultado final dessa safra foi bastante satisfatório, tendo como maior destaque a produção mato-grossense, com quase 68% das 622,5 mil toneladas colhidas na região. Além disso, Mato Grosso do Sul e Goiás também apresentaram incremento no volume final obtido em relação a 2019/20, consolidando assim uma boa safra de arroz no Brasil central.

Na Região Sudeste, a rizicultura é bastante incipiente em comparação às demais regiões brasileiras. Mesmo que haja produção nos quatro estados, a quantidade de área destinada a tal cultivo é pequena, com maior porção observada em São Paulo, mas que ainda assim é considerada diminuta em relação ao parâmetro nacional. No geral, foram 10,1 mil hectares colhidos



na região, com uma produção total de 47,2 mil toneladas. As condições climáticas começaram oscilantes, mas durante o ciclo melhoraram e favoreceram o desenvolvimento da cultura, assim, apresentou rendimento médio superior à temporada passada e impactou diretamente no aumento da produção final em comparação à safra anterior (acréscimo de 11,8%).

Na Região Sul, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado, apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro. A área semeada se manteve próxima ao patamar visualizado na safra passada (cerca de 1.115,6 mil de hectares), porém o rendimento médio para a região foi bastante satisfatório, atingindo 8.688 kg/ha, representando um aumento em relação a 2019/20, de 5,2%.

Em Santa Catarina, encerrada a safra, a produtividade média surpreendeu e alcançou um recorde para os últimos oito anos no estado.

Tendo em vista os preços atrativos durante a safra, os produtores optaram por cultivares mais produtivas, mas que necessitavam de maiores investimentos nos tratos culturais.

O clima favorável permitiu a expressão do potencial produtivo dos pacotes tecnológicos adotados. Em média, produziu-se 8.482 kg/ha e 1.260,4 mil toneladas no estado.

No Rio Grande do Sul está encerrada a colheita do arroz. A produtividade média foi uma das maiores dos últimos anos, com 8.750 kg/ha. As regiões da Fronteira Oeste e Zona Sul tiveram as melhores médias do estado. A produção foi a quarta maior da história.

Apesar dos problemas com a estiagem na época da semeadura,



principalmente na Fronteira Oeste, o preparo antecipado do solo, a semeadura realizada na época preferencial em todo o estado, as boas condições de temperatura e luminosidade durante o ciclo da cultura, a rotação de cultura com a soja, o eficiente controle de plantas daninhas e a utilização de sementes certificadas, com uso de alta tecnologia e com assistência técnica do Irga/RS, foram fatores importantes para os ótimos números da safra em todo o estado. Ao todo, foram 8.277,5 mil toneladas colhidas (aumento de 5,2% em comparação a 2019/20) em uma área semeada de 946 mil hectares.

QUADRO 2 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica												
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva				Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva				Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva				Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
UF	Mesorregiões	Arroz - Safra 2020/2021										
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RO	Leste Rondoniense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
PA	Sudoeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Sudeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
TO**	Ocidental do Tocantins				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense				S/E	DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR**	Noroeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
SC**	Norte Catarinense	PS	S	S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Vale do Itajaí	PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Sul Catarinense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	M/C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Sudeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

**irrigado

Fonte: Conab.

**FEIJÃO****ÁREA**2.938,7 mil ha
0,4%**PRODUTIVIDADE**1.024 kg/ha
-7,2%**PRODUÇÃO**3.250 mil t
-6,6%Comparativo com safra anterior
Fonte: Conab**SUPRIMENTO****ESTOQUE INICIAL** 250,3 mil t
PRODUÇÃO 3.009,6 mil t
IMPORTAÇÕES 100 mil t
3.359,9 mil t**DEMANDA****CONSUMO INTERNO** 3.050 mil t
EXPORTAÇÕES 160 mil t
3.210 mil t

A cultura é considerada de ciclo curto e, por isso, apresenta uma vantagem para o produtor, que consegue adequar o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio dentro do ano-safra, favorecendo assim uma oferta constante do produto. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra entre janeiro e abril e o de terceira safra, de maio a julho.

Nesta temporada 2020/21, o primeiro ciclo está com a colheita encerrada nos quase 909,2 mil hectares destinados à cultura pelo país. A produção alcançada foi de 1.011,7 mil toneladas, somando os feijões do tipo comum cores, comum preto e caupi. Tal resultado representou redução de 8,5% em relação ao volume obtido em 2019/20, especialmente pelas oscilações climáticas registradas ao longo do ciclo na Região Sul e na Bahia, impactando na produtividade das lavouras.

Atualmente, as lavouras de segunda safra estão em evidência. Elas despontam para suas fases mais agudas do ciclo e devem encaminhar a conclusão das operações de colheita nos quase 1.459,6 mil hectares



semeados com a cultura nesse período. De maneira geral, as oscilações climáticas reduziram o potencial produtivo da cultura em regiões importantes, fazendo com a previsão nacional para a produção total ficasse inferior àquela verificada em 2019/20, estimando-se cerca 1.203,1 mil toneladas do grão (diminuição de 3,4%).

Ademais à evolução das lavouras de segunda safra, o ciclo do feijão terceira safra já está em voga, com a semeadura da cultura se consolidando e muitas áreas já apresentando lavouras implantadas e em pleno desenvolvimento. No geral, são esperados cerca de 569,9 mil hectares destinados ao cultivo desse feijão pelo país, com maior destaque para a produção na Região Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste.

Assim, a perspectiva total para o feijão nesta temporada 2020/21 é de destinação de 2.938,7 mil hectares para o cultivo da cultura (considerando o feijão-comum cores, o feijão-comum preto e o feijão-caupi) e uma produção de 3.009,6 mil toneladas.

OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

No atacado, em São Paulo, o mercado está calmo, com sucessivas reduções dos preços, principalmente dos tipos inferiores, mesmo com a menor oferta do produto agora no fim da colheita da segunda safra na Região Centro-Sul do país. Esse fato deve-se, em parte, ao baixo interesse de compra por parte dos varejistas para reposição de estoques, atribuído ao baixo consumo.

Tal situação tem reflexo nas regiões de produção, que começaram a apresentar reduções nos preços, embora em algumas localidades os



produtores estejam recebendo valores acima daqueles pagos no atacado paulista. Normalmente, quando isso ocorre, acaba limitando as entradas para a zona cerealista de São Paulo devido ao acréscimo das despesas de transferência do produto até àquela praça consumidora.

Muitos produtores estão cautelosos, e na expectativa de que o recuo do volume ofertado valorize o grão de melhor qualidade no mercado. As mercadorias extras estão escassas, e a maior procura é pelo tipo comercial, que não atende totalmente às expectativas do mercado comprador, por apresentar problemas de qualidade, como fundo elevado, grãos manchados, umidade etc.

Dessa forma, assim que começar a entrar no mercado produto de qualidade, irrigado, provavelmente ocorrerá uma concentração da demanda nesse tipo de mercadoria, influenciando no comportamento dos preços. A possibilidade de o produtor reter em estoque parcela da produção, e ainda as incertezas do fator clima, devem manter o mercado com maiores chances de continuar aquecido, mas, por outro lado, sem espaço para maiores elevações devido às dificuldades que as indústrias de empacotamento vão encontrar para repassar esses valores ao setor varejista e este aos consumidores.

FEIJÃO-COMUM PRETO

No atacado, em São Paulo, o mercado segue calmo, com poucas negociações e preços em queda. Da mesma forma, nas zonas de produção, a situação de preços se estendeu negativamente aos produtores, e, nas principais praças de comercialização, o grão apresentou ligeira desvalorização.



Em se tratando da balança comercial, a redução nas importações é reflexo, em parte, da forte valorização do dólar frente ao real. Em 2020 foram importadas cerca de 113,6 mil toneladas, isto é, 36 mil toneladas a menos que o montante recebido em 2019. A exportação, em que pese os elevados preços praticados no mercado interno, foi a maior da história, superando em 12,6 mil toneladas a registrada em 2019.

Neste levantamento, a Conab estima uma produção de 3,01 milhões de toneladas. Esse volume representa um decréscimo de 6,6% em relação à registrada em 2019/20. Agora, com a redução do auxílio emergencial, produção ajustada e preços em patamares elevados, a tendência é que o consumo interno retorne, no máximo, ao mesmo patamar de 2018/19, estimado em 3,05 milhões de toneladas.

Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 250,3 mil toneladas, o consumo em 3,05 milhões de toneladas, as importações em 100 mil toneladas e as exportações em 160 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 149,9 mil toneladas, o menor volume desde a temporada 2012/13.

TABELA 7 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
2017/18	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
2018/19	287,4	3.017,7	149,6	3.454,7	3.050,0	164,0	240,7
2019/20	240,7	3.222,1	120,0	3.582,8	3.150,0	163,0	269,8
2020/21	Jun/21	250,3	3.077,0	100,0	3.427,3	3.050,0	217,3
	Jul/21	250,3	3.009,6	100,0	3.359,9	3.050,0	149,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2021.

Estoque de Passagem - feijão: 31 de dezembro.



ANÁLISE ESTADUAL - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

FEIJÃO-COMUM CORES

A segunda safra de feijão-comum cores está com a colheita em andamento em diversos estados produtores, e a perspectiva geral é de redução na produção final em comparação a 2019/20, especialmente pela diminuição na área plantada e também pela irregularidade climática visualizada durante o ciclo da cultura, principalmente no que diz respeito ao regime pluviométrico no Centro-Sul do país. Assim, a estimativa atual é de obtenção na ordem de 447,3 mil toneladas com o feijão-comum cores nesse período, indicando decréscimo de 21,5% em comparação ao resultado demonstrado no ano passado.

No geral, os maiores destaques do período ficam por conta das produções no Sul e Sudeste, porém o cultivo se espalha por todas as regiões brasileiras.

Em Rondônia, por exemplo, cerca de 3,3 mil hectares foram destinados ao plantio da cultura neste ciclo. O cultivo é feito exclusivamente por pequenos produtores, e o nível tecnológico é considerado de médio a baixo. Atualmente, as lavouras estão em fase final de colheita, com perspectiva de produção total na ordem de 4,2 mil toneladas do grão neste período.

Na Paraíba, a janela de plantio para a cultura é bastante extensa, apresentando assim lavouras em diferentes estádios de desenvolvimento, inclusive com início das operações de colheita em certas regiões do estado. No geral, a estimativa é que sejam destinados cerca de 23,8 mil hectares para tal cultivo e que a produção final alcance as 11 mil toneladas.



Na Bahia, as lavouras de feijão-comum cores nessa segunda safra são todas irrigadas, e seguem em pleno desenvolvimento. O início da colheita é esperado para fim de junho e deve se estender até agosto, com previsão de obtenção na ordem de 40,5 mil toneladas, em uma área plantada de 15 mil hectares. O cultivo é mais tardio, depois da colheita da soja, justamente para mitigar a incidência de mosca-branca, porém sem sofrer com os impactos da redução das precipitações durante o outono-inverno no extremo-oeste baiano (local onde está a maior concentração desse cultivo).

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-comum cores segunda safra está encerrada nos 24,1 mil hectares semeados com a cultura nesse período. A escassez de precipitação em momentos críticos do desenvolvimento das plantas fez com que o potencial produtivo da cultura fosse afetado, apresentando assim, redução no rendimento médio alcançado. Além disso, houve diminuição na área plantada em comparação ao ano passado, impactando ainda mais no resultado final. Dessa forma, a produção total ficou em 36 mil toneladas, representando decréscimo de 54,1% em comparação ao resultado obtido em 2019/20.

Em Minas Gerais houve redução na destinação de área para o plantio do feijão-comum cores nesta segunda safra, se comparado ao visualizado na temporada passada. Foram cerca de 93,5 mil hectares semeados com a cultura nesta temporada, representando diminuição de 23,9% em relação a 2019/20. Atualmente, as lavouras estão, majoritariamente, em fase de maturação e colheita, inclusive com aproximadamente um quarto da área total já colhida. A estimativa de produção final é na ordem de 116,7 mil toneladas, representando diminuição de 31%, influenciado tanto pelo decréscimo de área plantada, quanto pelas oscilações climáticas ao longo



do ciclo, que reduziram o potencial produtivo da cultura.

No Paraná, a colheita está em fase final, confirmando as recentes previsões de redução no rendimento das lavouras em razão das oscilações climáticas, especialmente pela escassez de chuvas em períodos críticos do desenvolvimento da cultura. É bem verdade que as primeiras áreas colhidas obtiveram boas produtividades, mas as lavouras mais tardias foram impactadas por essas intempéries climáticas e isso redundou em diminuição no potencial produtivo das plantas e na qualidade dos grãos formados. Assim, mesmo com o aumento de área plantada visualizado nesse ciclo, a estimativa é de uma produção 11,2% inferior àquela obtida em 2019/20, ficando em 119 mil toneladas.

FEIJÃO-COMUM PRETO

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. Para esta temporada houve acréscimo na área cultivada em relação a 2019/20, alcançando 192,1 mil hectares semeados em todo país. O maior destaque fica por conta da produção na Região Sul, especialmente no Paraná, que representa mais de 70% dessa área total. Quanto à produção, a estimativa nacional é de obtenção de um volume próximo a 226 mil toneladas.

Na Paraíba, a cultura é explorada em poucos municípios, e a área destinada ao seu plantio ficou em 2,6 mil hectares nesse ciclo. As lavouras estão, predominantemente, em fase reprodutiva, com algumas áreas já em processo de colheita. Ao todo, espera-se uma produção de aproximadamente 1,3 mil toneladas, indicando bom aumento em comparação ao resultado obtido em 2019/20, principalmente pelo acréscimo de área plantada.



Em Minas Gerais, o cultivo do feijão-comum preto se concentra nas regiões da Zona da Mata, Central e Rio Doce. A área destinada nesta safra foi de 6,4 mil hectares, com projeção de colheita na ordem de 4,6 mil toneladas.

No Paraná, o expressivo aumento de área visualizado nesse ciclo impulsionou as estimativas para a presente safra. Ao todo foram 134,5 mil hectares semeados com o feijão-comum preto nesta segunda safra, representando aumento de 23,2% em relação ao total cultivado em 2019/20. Houve atraso no plantio que acarretou em problemas para as lavouras, principalmente por ficarem mais susceptíveis ao estresse hídrico (devido aos menores níveis de precipitação que tradicionalmente ocorre no período de outono/inverno) que acometeu as plantas em fases críticas de seu desenvolvimento (como floração e enchimento de grãos). Ainda assim, mesmo com a redução estimada para a produtividade média, a produção total deverá ser superior àquela registrada em 2019/20, alcançando cerca de 155,8 mil toneladas. A colheita está em fase final de execução.

Em Santa Catarina houve aumento na área semeada em comparação a 2019/20 (incremento de 47,2%). Os preços atrativos pagos pelo produto e a janela de plantio encurtada para o cultivo da soja “safrinha”, devido ao atraso nas culturas de primeira safra, fizeram com que muitos produtores optassem pelo cultivo do feijão. Assim, foram cerca de 29,1 mil hectares destinados a tal plantio nessa segunda safra. No entanto, as chuvas escassas de março e abril comprometeram a expressão do potencial produtivo da cultura e do pacote tecnológico empregado pelos produtores. Com a colheita encerrada, o que se obteve foi uma redução na produtividade média em relação à safra passada, mas que acabou sendo contornada pelo incremento de área, fazendo com que a produção total



alcançasse 35,4 mil toneladas (acréscimo de 28,7% em relação à temporada anterior).

No Rio Grande do Sul, a colheita está encerrada. Apesar da ocorrência de geadas, principalmente no Planalto Médio, as condições climáticas ao longo do ciclo foram consideradas boas, se comparada à safra passada, que registrou severos períodos de estiagem. Nesta temporada a produtividade ficou em 1.472 kg/ha e a produção final na ordem de 27,7 mil toneladas (resultado 23,7% superior ao visualizado em 2019/20).

FEIJÃO-CAUPI

Na Paraíba, a cultura tem grande relevância, principalmente por sua rusticidade, fazendo com que regiões de clima mais árido consigam produzir em quantidade satisfatória. Com isso, o cultivo é bastante pulverizado pelo estado, e a área destinada é mais expressiva entre os três tipos de feijões, alcançando, nesse ciclo, cerca de 73,7 mil hectares semeados. As lavouras estão em diferentes fases de desenvolvimento, inclusive com áreas já colhidas. No geral, a expectativa de produção estadual é na ordem de 27,6 mil toneladas.

Em Pernambuco, mais especificamente na mesorregião do sertão (chapada do Araripe e regiões serranas), foram destinados cerca de 104,7 mil hectares para o plantio de feijão-caupi nessa segunda safra. O clima foi considerado desfavorável durante parte do ciclo da cultura, isso acarretou em redução no potencial produtivo, especialmente em razão dos baixos níveis de precipitação nas localidades em questão. Assim, a estimativa é de redução na produção final, se compara a 2019/20, devendo alcançar um



volume de 24,1 mil toneladas colhidas (colheita em fase final, chegando a 90% da área total ao fim de junho).

Na Bahia, o cultivo do feijão-caupi de segunda safra ocorreu após a colheita da soja, destinando cerca de 50 mil hectares para tal semeadura. O manejo da cultura é realizado, majoritariamente, em condições de sequeiro, e concentra a maioria das lavouras no extremo-oeste do estado. As condições climáticas estão oscilantes, mas as lavouras apresentam bom desenvolvimento, até pela maior rusticidade que a cultura tem, especialmente em tolerância de deficit hídrico. Atualmente, a cultura está em fase de maturação, e colheita, e a estimativa de produção final é na ordem de 51 mil toneladas (acréscimo de 86,8% em comparação a 2019/20).

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-caupi segunda safra está bem avançada, chegando a mais de 80% de execução nos 152,8 mil hectares semeados com a cultura nesse período. Observa-se que, mesmo para o feijão-caupi, que é uma cultura mais rústica e menos sensível à escassez hídrica, houve redução de rendimento médio, pois parte das lavouras foi semeada fora da janela ideal e tem sofrido com a escassez hídrica. No geral, a estimativa é que sejam colhidas um pouco mais de 153,6 mil toneladas do grão. Vale ressaltar que esse resultado esperado é maior que o da temporada anterior, porém a produtividade média sofreu diminuição, sendo sustentado basicamente pelo aumento de área cultivada.

QUADRO 3 - OFERTA E DEMANDA DE FEIJÃO

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas



UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						S/E	E/DV/F	DV/F	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							S/E/DV	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C
	Centro Norte Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C
	Centro Sul Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C
MT**	Sudeste Mato-grossense				S/E	DV	F	EG/M/C	M/C				
	Norte Mato-grossense				S/E	DV/F	F/EG	M/C	C				
GO	Leste Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Sul Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
DF	Norte Goiano				S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C				
	Distrito Federal				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Norte de Minas					S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Oeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
SP**	Campo das Vertentes				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Zona da Mata				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Bauru	PS	S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C	C					
	Assis	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C						
	Itapetininga	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			S/E/DV	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
SC	Metropolitana de Curitiba			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Oeste Catarinense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Serrana			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense			S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C				

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

**parte irrigada

Fonte: Conab.



FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

As lavouras estão em desenvolvimento por diversas regiões do país, e a perspectiva é que sejam destinados cerca de 569,9 mil hectares para o cultivo de feijão nessa terceira safra brasileira, tendo como maiores destaques a produção de feijão-comum cores no Centro-Oeste, no Sudeste e no Nordeste.

FEIJÃO-COMUM CORES

Esse tipo de feijão é disparadamente o mais cultivado nesse período de terceira safra. As Regiões Nordeste, Centro-Oeste e até o Sudeste, se destacam bastante no plantio dessa cultura, especialmente em condição irrigada. De maneira geral, a destinação de área para esse cultivo foi de 490,3 mil hectares por todo país, e a expectativa para produção é na ordem de 746,8 mil toneladas.

Na Região Nordeste, a área semeada apresentou redução em comparação a 2019/20, ficando em 272,9 mil hectares plantados. Tal cultivo se distribuiu em quatro estados da região (Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe) e a maior concentração se deu em território baiano.

Em Pernambuco, a destinação de área para o plantio do feijão-comum cores terceira safra foi de 76,8 mil hectares. Atualmente, as lavouras já se encontram implantadas e estão, predominantemente, em fase de floração e enchimento de grãos, com perspectiva de início das operações de colheita entre julho e agosto. No geral, a produção estimada é de 59,9 mil toneladas, mas a irregularidade nas precipitações pode impactar essa previsão, especialmente pela fase fenológica importante em que as lavouras estão no momento.



Na Bahia, esse período é de grande relevância para a produção de feijão-comum cores. Na temporada atual, por exemplo, foram semeados cerca de 161,5 mil hectares com a cultura, representando a maior destinação de área entre todos os estados durante a terceira safra de feijão. A cultura se concentra, majoritariamente, na região nordeste do estado, e as lavouras atualmente se encontram em estádios de desenvolvimento vegetativo e floração. A má distribuição das chuvas causou perdas nas lavouras cultivadas, visto que as plantas avançam para a fase de florescimento, tendo pouco desenvolvimento vegetativo (as lavouras não conseguiram cobrir o solo). Nesse cenário, a expectativa é de redução na produtividade média em comparação a 2019/20, que, atrelada à diminuição na área plantada, deverá redundar em uma produção bem inferior àquela verificada no ano passado (estimativa atual é de produção na ordem de 96,9 mil toneladas).

Na Região Centro-Oeste, a perspectiva é de produção nos três estados e no Distrito Federal. Espera-se uma destinação de área para o plantio na ordem de 129,7 mil hectares, com maior concentração desse cultivo em Mato Grosso e em Goiás. Quanto à produção, a estimativa inicial para a região é de obtenção de 348,7 mil toneladas de feijão-comum cores nesse período. Em Mato Grosso, a semeadura do feijão-comum cores terceira safra está em andamento, devendo se estender até o início de julho e podendo confirmar o indicativo de aumento na área plantada em relação a 2019/20 (saindo de 53,9 mil hectares em 2019/20 para 66,4 mil hectares nesse ciclo), especialmente pelos bons preços atribuídos ao feijão-comum cores nesse período, além do clima adverso para a semeadura da cultura na segunda safra, “empurrando” a janela ideal de plantio para a terceira safra. As lavouras já implantadas apresentam boas condições e estão, predominantemente, em fase de desenvolvimento vegetativo.



A perspectiva é que o ciclo se estenda até setembro, com previsão de colheita na ordem de 158,7 mil toneladas.

Em Goiás, a colheita da cultura já começou, particularmente no oeste do estado, apresentando bons rendimentos, até o momento. Como boa parte das lavouras são manejadas em condição irrigada, a perspectiva é que os períodos de estiagem não reduzam tanto o rendimento da cultura. De maneira geral, foram destinados cerca de 59,3 mil hectares ao plantio de feijão-comum cores nessa terceira safra goiana, e a estimativa é de uma produção na ordem de 177,9 mil toneladas do grão.

Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo destinaram área para o plantio de feijão-comum cores nessa terceira safra. Ao todo, foram cerca de 83,9 mil hectares distribuídos entre os dois estados, porém com concentração bem maior no primeiro. Assim, a estimativa aponta para 68,7 mil hectares semeados com a cultura em território mineiro, com previsão de produção de 174,5 mil toneladas.

Já em São Paulo, foram semeados cerca de 15,2 mil hectares, visto que tal cultivo é manejado em condição irrigada e apresenta, tradicionalmente, bons desempenhos quantitativos e qualitativos, especialmente por lançar mão de um manejo intenso no controle da mosca-branca, que é praga-chave para a cultura, além de ser vetor de doença importante (vírus do mosaico dourado). Atualmente, as lavouras estão em fase de maturação e colheita, apresentando boas perspectivas para a produção final do grão (estimativa de aumento em relação ao resultado obtido na safra 2019/20, devendo alcançar 39,5 mil toneladas).

Na Região Sul, o único estado produtor nesse período é o Paraná, com uma pequena porção de área destinada à tal cultivo. Nesse ciclo, a estimativa é de 1,6 mil hectares semeados, com uma projeção inicial de produção na ordem de 1,9 mil toneladas.



FEIJÃO-COMUM PRETO

A representação do feijão-comum preto na terceira safra é reduzida, com pequenas áreas plantadas em Minas Gerais (cerca de 200 hectares), Distrito Federal (cerca de 200 hectares), além de uma maior concentração em Pernambuco, que alcançou 16,2 mil hectares semeados. As lavouras estão em pleno desenvolvimento, e a projeção é que sejam produzidas 12 mil toneladas do grão nesse ciclo.

FEIJÃO-CAUPI

A terceira safra de feijão-caupi se concentra nas Regiões Norte e Nordeste, com maior destaque para o Pará, Pernambuco e Bahia. Atualmente, as lavouras estão em desenvolvimento e, ao todo, a projeção é que sejam destinados cerca de 63 mil hectares para o plantio da cultura nesse ciclo, representando redução de 2% em comparação à área semeada na temporada passada. Quanto à produção, a estimativa inicial é de 35,9 mil toneladas.



Foto 1 – Feijão cores terceira safra no Distrito Federal

Fonte: Conab.



Foto 2 – Feijão cores terceira safra

Fonte: Conab.

Fonte: Conab.



Foto 3 – Feijão em Pernambuco

Fonte: Conab.



Foto 4 – Feijão sob estresse hídrico em Pernambuco

Fonte: Conab.

Foto 5 – Feijão terceira safra em Alto da Boa Vista em São Paulo



Fonte: Conab.



MILHO

ÁREA

19.832,6 mil ha

7%

PRODUTIVIDADE

4.709 kg/ha

-15%

PRODUÇÃO

93.384,6 mil t

-9%

Comparativo com safra anterior
Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 10.602,4 mil t**PRODUÇÃO** 93.384,6 mil t**IMPORTAÇÕES** 2.300 mil t

106.287 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 72.149,9 mil t**EXPORTAÇÕES** 29.500 mil t

101.649,9 mil t

Na consolidação das três safras, o cenário atual aponta para uma produção de 93,4 milhões de toneladas de milho, representando uma redução de 9% em relação ao alcançado na safra anterior.

Para o milho primeira safra, os trabalhos de colheita foram encerrados em junho. Para a cultura de segunda safra, as operações de colheita serão intensificadas a partir de junho, atualmente, a maioria das lavouras se encontra nas fases de enchimento de grãos e maturação. Com relação ao milho terceira safra, que ocorre na região do Sealba, Roraima e Amapá, a cultura já se encontra totalmente semeada e em desenvolvimento vegetativo.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2020/21, a Conab apresenta sua nova expectativa de produção de milho. É esperado uma produção total de 93,4 milhões de toneladas, ou seja, redução de 8,9% em relação à safra 2019/20. Esse ajuste ocorre diante da espera de uma redução de 18,4% da produção de milho produzido durante a segunda safra e de 6,9% na terceira safra, causada por adversidades climáticas.



Para os dados de consumo doméstico, a Conab reduziu sua projeção de consumo doméstico para 71,3 milhões de toneladas, aumento de 3,9% ao observado na safra anterior.

O ajuste ocorre diante da constatação de uma menor disponibilidade do cereal disponível para autoconsumo e obviamente menor volume de perdas em armazenagem e transporte.

Entretanto, compete destacar que o volume total de milho a ser consumido internamente é o maior da série projetada pela Conab, e segue o bom desempenho do setor de proteína animal brasileiro, principal setor demandante do grão no país. Por outro lado, a Conab mantém inalterada suas projeções de importação de milho em 2,3 milhões de toneladas, e de exportação em 29,5 milhões de toneladas.

Diante dos ajustes, o estoque final esperado ao fim do ano-safra 2020/21 é de 5,5 milhões de toneladas, redução de 48,4% em relação à safra anterior. Esse novo arranjo é explicado, principalmente, pela redução da produção total de milho causada pelas adversidades climáticas ocorridas na safra em curso em movimento oposto à sustentação da demanda agregada.

TABELA 8 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2015/16	10.531,3	66.530,6	3.336,2	80.397,1	56.319,1	18.847,3	5.231,4
2016/17	5.231,4	97.842,8	952,5	104.027,0	57.337,3	30.813,1	15.876,2
2017/18	15.876,2	80.709,5	900,7	99.203,1	59.162,0	23.742,2	14.582,1
2018/19	14.582,1	100.042,7	1.596,4	116.221,2	64.957,8	41.074,0	10.189,4
2019/20	10.189,4	102.515,0	1.453,4	114.157,8	68.662,5	34.892,9	10.602,4
2020/21	Jun/21	10.602,4	96.392,1	2.300,0	109.294,5	72.149,9	7.644,6
	Jul/21	10.602,4	93.384,6	2.300,0	106.287,0	71.321,0	5.466,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2021.

Estoque de Passagem: 31 de Janeiro.



AVALIAÇÃO POR ESTADO

MILHO PRIMEIRA SAFRA – 2020/21

O atraso das chuvas interferiu no planejamento das lavouras do milho primeira safra. Mesmo assim, a área plantada, em linha com uma tendência já observada nas últimas temporadas, apresentou crescimento de 3,3% em relação à safra passada, atingindo 4.374,7 mil hectares. Esse fato, no entanto, não foi suficiente para compensar os efeitos do clima, com a produção apresentando forte redução, atingindo 24.909,2 mil toneladas, queda de 3% em comparação ao volume produzido no período 2019/20.

Na Região Norte/Nordeste houve incremento na área plantada de 7%, estimada em 1.418,9 mil hectares. A produção registrou incremento de 2,2% em relação ao período anterior, atingindo 6.073 mil toneladas.

No Piauí, a área apresentou redução de 1,6% em relação à safra passada, atingindo 428,5 mil hectares. Essa redução está relacionada à substituição do milho pela soja no sudoeste piauiense devido ao preço de mercado bastante atrativo para a soja. A produtividade média esperada para a cultura gira em torno dos 4.427 kg/ha, redução de cerca de 5,9% em relação à safra anterior. Essa produtividade leva em consideração as áreas de agricultura familiar e empresarial. O início do plantio ocorreu no início de dezembro na região sudoeste piauiense, e foi encerrado no final de janeiro na região norte. Em geral, as lavouras estão em boas condições. A colheita já está bem adiantada na região sul do estado, porém na região centro-norte e norte ainda não foi iniciada, o que é comum para esta época do ano. Cerca de 60% das lavouras já foram colhidas, restando 40% em maturação.



Na Bahia, o crescimento do cultivo nesta safra foi influenciado pela alta nas cotações ocorridas nos últimos meses de 2020. No entanto, a irregularidade das chuvas em dezembro e janeiro limitou a produtividade nas regiões centro-sul e centro-norte. No extremo-oeste, observou-se o crescimento da área cultivada, estimulada pela redução do cultivo do algodão e as boas cotações no fim de 2020. A colheita está bem adiantada, e deve ser finalizada em meados de julho. Estima-se que 11% da área seja cultivada por pequenos produtores, obtendo a produtividade de 840 kg/ha, e os outros 89% estejam sob os cuidados de grandes e médios produtores, obtendo a produtividade de 10.800 kg/ha. Os grãos apresentam ótimas qualidades, e a produção abastece o mercado atacadista e pecuário da Bahia e demais estados da Região Nordeste, além da exportação de alguns lotes. A maioria da produção colhida é prontamente comercializada, havendo pouco volume armazenado. No centro-norte, a influência do veranico foi superior nas lavouras de milho, se comparada às de feijão, principalmente no momento da emissão do pendão e enchimento dos grãos. Com o aporte hídrico insuficiente nessas fases, a produção ficou comprometida. As áreas implantadas em novembro sequer formaram espigas, e parte das áreas semeadas em janeiro tiveram a fase de enchimento dos grãos comprometido com a estiagem entre abril e maio. As perdas foram significativas. No centro-sul, a produção do milho ficou bem abaixo do esperado em toda a região. As regiões próximas a Guanambi e Luiú foram as mais afetadas pela estiagem, por isso, muitas áreas foram destinadas para silagem. Segundo informantes, boa parte do grão comercializado na região é proveniente do oeste do estado, porém este ano foi necessário aumentar a aquisição para abastecer o consumo local em razão da quebra da safra.



No Maranhão, a colheita do milho está ocorrendo, com maior intensidade nas regiões sul, centro e oeste, com cerca de 76% da área total colhida. O término está previsto para julho. Com o período seco, tanto os pequenos quanto os grandes produtores, deixam as espigas secarem nas plantas até atingir umidade ideal, não sendo necessário utilizar secadores. No leste maranhense, onde o plantio dos grandes produtores foi realizado apenas em fevereiro, depois do plantio da soja, a colheita dos grãos ainda não foi iniciada em diversas unidades produtivas. Grande parte dos produtores da agricultura familiar depende da distribuição de sementes de milho pelo governo, por meio do Programa Mais Sementes e Mudas. Nesse caso, a produção é voltada para comercialização do milho verde colhido em abril e maio, para consumo próprio. Na presente safra estimamos que a área da primeira safra tenha atingido 271,1 mil hectares, com produtividade média em torno de 4.900 kg/ha. O rendimento é balanceado pela alta produtividade de grandes propriedades, que utilizam alta tecnologia na produção, com insumos e manejo adequados e pela média e baixa produtividade alcançada em pequenas propriedades, que normalmente realizam o cultivo em roça de toco e plantio consorciado com outras culturas, como arroz, feijão-caupi e mandioca.

No Rio Grande do Sul, a colheita do milho está tecnicamente finalizada, restando algumas áreas na região da Campanha e Zona Sul, que deixam o milho amadurecer no campo e colhem lentamente, para consumo próprio e alimentação dos animais na propriedade, sem a finalidade de comercialização. A estiagem, que atingiu o estado nas principais regiões produtoras (Noroeste, Missões e Norte) em setembro e outubro, e os danos causados pelo enfezamento transmitido pela cigarrinha nas lavouras semeadas em janeiro foram eventos que comprometeram a boa performance da safra. As demais regiões que iniciam a semeadura mais



tarde escaparam da estiagem e foram importantes para recuperar parte do potencial produtivo perdido. Mesmo assim, a produtividade média ficou em 5.476 kg/ha, com perda significativa, mas ainda assim 10,1% acima da safra anterior.

QUADRO 4 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica													
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
UF	Mesorregiões	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MA	Oeste Maranhense					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Maranhense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Norte Piauiense						S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Norte Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Sul Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
MT	Sudeste Mato-grossense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
GO	Centro Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Leste Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sul Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
DF	Distrito Federal			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Belo Horizonte			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Campo das Vertentes			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Zona da Mata			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	São José do Rio Preto			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Ribeirão Preto			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Bauru			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SP	Campinas			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Itapetininga			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			

Continua



UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2020/2021											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PR	Centro Ocidental Paranaense		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Norte Central Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Catarinense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C				
	Serrana		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			
	Nordeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Sudeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA – 2020/21

A segunda safra de milho 2020/21, avaliada neste levantamento, ficará abaixo dos níveis projetados para o mês anterior em razão das condições de seca verificadas nos principais estados produtores, apontadas como o principal motivo para os cortes realizados. Adicionalmente, no Sul do país, massas de ar frio ganharam intensidade nas últimas semanas, contribuindo também para afetar a produção, sendo ainda imprecisos os elementos para dimensionar os impactos nas lavouras. É importante lembrar que o frio era uma das preocupações para a segunda safra deste ano. Com o plantio tardio, também consequência da irregularidade climática, o risco de geada aumentou de forma significativa, e deverá impactar ainda mais as estatísticas do cereal, uma vez que grande parte



das lavouras se encontra na fase de enchimento de grãos. A equipe de campo da Conab está avaliando os danos, e nos próximos levantamentos serão disponibilizadas as informações para o público. Mesmo com o aumento de 8,1% na área plantada, estimada em 14.876,8 mil hectares, as condições adversas derrubaram os níveis de produtividade, para 4.502 kg/ha, com redução de 17,5% em relação à temporada passada. A produção esperada é de 66.970,5 mil toneladas, representando redução de 10,8%, comparada à safra passada.

Na Região Norte/Nordeste, o estímulo proporcionado pelas cotações impulsionou fortemente o plantio, com a área atingindo 1.698,3 mil hectares, aumento de 8,1% em relação ao exercício passado. O atraso ocorrido na semeadura acentuou o receio de comprometimento nas produtividades das lavouras, fato que efetivamente ocorreu com a produção estimada agora em 4.654,4 mil toneladas, crescimento de 2,6% frente à temporada passada.

No Pará, os maiores produtores estão situados nos municípios do sul do estado. A colheita foi iniciada com atraso em razão do plantio quase fora da janela de cultivo. Aproximadamente 20% da área já foi colhida. O oeste do estado, que também aparece com boa participação, tem a sua área toda plantada e em desenvolvimento vegetativo. A expectativa é que sejam colhidas 367,5 mil toneladas de milho, 8,3% acima do ocorrido na safra anterior.

No Maranhão, o atraso da colheita da soja, em razão do excesso de chuvas, obrigou a safra de milho ser implantada do final de fevereiro até os últimos dias de março. No final de junho a colheita das lavouras foi iniciada, estimando-se agora que a maior parte se encontre no estágio de



enchimento de grãos e maturação, com a colheita devendo se estender até agosto. Os volumes de chuvas foram reduzidos desde abril. As lavouras de milho implantadas tardiamente sofreram impacto hídrico nos períodos críticos de pendoamento e enchimento de grãos, apresentando menor crescimento e desenvolvimento da planta, limitação de tamanho das espigas, do número e peso dos grãos. A área plantada de milho está estimada em 200,8 mil hectares, com aumento de 10,1% em relação à safra anterior. A produtividade estimada em torno de 5.078 kg/ha apresenta redução de cerca de 5,2% em relação à safra anterior.

No Piauí houve aumento na área com relação à safra anterior, já que muitos produtores conseguiram implantar boas áreas de soja ainda em outubro, antecipando a colheita e propiciando uma maior janela de plantio para o cereal. O plantio teve início no segundo decêndio de fevereiro e finalizou na segunda quinzena de março. A cultura se encontra com 2% em enchimento de grãos, 86% em maturação e 12% já colhido. Até o momento, registra-se uma área plantada de 94,1 mil hectares, 193,1% superior à área passada. Esse aumento significativo se justifica em virtude de grande parte do plantio ter sido efetuado dentro da janela ideal e pelas excelentes condições de mercado. Mesmo assim, são consideradas em boas condições 47% das lavouras, 43% em condições regulares e 10% ruins. As chuvas ocorridas em maio foram muito irregulares e de baixa intensidade. A produtividade está estimada em 4.000 kg/ha. 12,4% menor que a obtida na safra anterior.

Em Tocantins foi iniciada a colheita do grão, com a produtividade situando-se entre 4.200 e 5.880 kg/ha. Nas áreas semeadas dentro da janela, os produtores investiram numa melhor adubação e em sementes de melhor qualidade. As demais áreas semeadas fora do calendário, as



lavouras sofreram uma queda no investimento, visto que o produtor já previa a falta de chuvas durante o desenvolvimento da cultura.

Em Rondônia, a área cultivada está estimada em 200 mil hectares, 7,5% maior que a passada. A produtividade poderá atingir 5.190 kg/ha, 0,4% menor que a obtida no ano anterior. A caracterização fenológica das lavouras é a seguinte: 10% em maturação e 90% apta a colher. Muitas lavouras ainda estão com elevado teor de umidade. A colheita iniciou na segunda quinzena de junho, estimando que 8% da área tenha sido realizada e ocorrerá de forma maciça em julho.

Na Região Centro-Sul, estimuladas pelas cotações e também pela ampliação dos prazos de plantio, determinado pelo zoneamento agrícola em alguns estados, a área plantada atingiu 13.178,5 mil hectares, incremento de 8,2% sobre o exercício anterior. A expectativa de produção sofreu forte revés, afetada pela combinação de escassez das chuvas e temperaturas frias acompanhadas por geadas, estimada agora atingir 62.316,2 mil toneladas, redução de 11,6% em relação à safra passada.

Em Mato Grosso, a colheita foi iniciada em junho, e estima-se que já tinha completado 25% até o final mês. Há um atraso em relação ao ciclo passado, quando 32,8% da área já tinham sido colhidas nessa mesma data. A maior parte dos trabalhos deverá se concentrar em julho, e o quadro para o milho é bastante heterogêneo. Enquanto lavouras semeadas dentro da janela ideal apresentam desenvolvimento muito acima da média, também por conta dos maiores pacotes tecnológicos empregados às lavouras, o milho plantado fora da janela apresenta perspectivas negativas de rendimento. A questão que se coloca é em que medida haverá a predominância dos distintos tipos de lavoura sobre a média estadual. Com cerca de 42% do



milho plantado fora da janela, os próximos levantamentos de julho e agosto deverão delinear melhor a situação específica das lavouras mais críticas. Já se pode afirmar que haverá queda de rendimento médio em Mato Grosso, estimada em 9,2%, (de 6.392 kg/ha para 5.801 kg/ha). Há um consenso de que, não fossem o atraso na safra e a necessidade de se plantar parcela da cultura fora da janela ideal, a produtividade média seria a maior da série histórica estadual, tendo em conta o excelente desenvolvimento do milho plantado dentro da janela.

Em Mato Grosso do Sul ocorreu melhoria nas condições das lavouras devido às chuvas ocorridas no início de junho. O retorno da umidade no solo permitiu que as lavouras tardias emitissem estruturas reprodutivas, mas devido ao longo período de estresse hídrico, constata-se a presença de plantas mal desenvolvidas, com espigas pequenas e mal polinizadas, visto que nos municípios próximos à divisa com São Paulo, boa parte das lavouras teve perdas totais. As geadas ocorridas em todo o estado, nos dias 21, 25, 29 de junho e 1º de julho, atingiram lavouras com elevada sensibilidade às quedas bruscas de temperaturas. No dia 29 de junho ocorreu geada nos municípios da região sul, afetando os locais que menos haviam sido prejudicados pela seca. Com as lavouras de milho nas fases reprodutivas, houve o encerramento das aplicações fitossanitárias, mesmo com algumas regiões ainda apresentando níveis elevados de presença de cigarrinhas. A colheita foi iniciada em áreas que foram semeadas na primeira semana de fevereiro, e representa cerca de 0,5% do total. Outros 30,5% das lavouras estão em maturação, 65,5% em enchimento de grãos e 3,5% em florescimento. Ainda não é possível estimar as novas perdas, mas fica claro que impactará a produtividade, pois 69% das lavouras de milho ainda apresentam algum grau de susceptibilidade a eventos dessa natureza.



Em Goiás, a colheita inicia lentamente, atingindo 5% em áreas cultivadas no início de fevereiro, produzidas em áreas de feijão, de pivô central e próximo a redes armazenadoras do estado, sendo ainda escassas as informações sobre a qualidade destes grãos colhidos. Na região sudoeste existe a preocupação para os próximos dias com relação aos ventos que começam a se intensificar e requerem atenção do produtor em relação a possíveis tombamentos das plantas que já atingiram o ponto de colheita. Até o momento, não se tem notícia dessa ocorrência de maneira generalizada. É esperada, dessa forma, uma intensificação das operações de colheita a partir da primeira semana de julho, quando os grãos de milho em muitas lavouras devem atingir umidade abaixo de 20%, já considerada suficiente para recebimento pelos armazéns da região. As precipitações ocorridas durante a segunda quinzena de junho favoreceram aquelas lavouras que se encontravam na fase de enchimento de grãos, ao conferir maior peso, porém insuficiente, na maior parte, para reverter a queda da produtividade esperada. Nesta região as primeiras áreas colhidas, semeadas dentro da janela ideal de plantio, apresentam boas produtividades em algumas localidades (acima de 7.200 kg/ha) e boa qualidade dos grãos. Na região leste e norte do estado a colheita deve intensificar-se em julho, com previsão de quebra de produtividade em virtude da falta de chuvas e plantio fora da janela ideal.

Minas Gerais aponta acréscimo na área de 7,1%, ante a safra anterior. A produtividade, devido ao impacto da baixa precipitação e do déficit hídrico nas lavouras, está calculada ser inferior em 41,2% ao da safra passada, estimada agora em 3.718 kg/há, e com indicativos de possível redução quando encerrar a colheita. A produção apresenta-se 37,1% menor que a safra anterior, apontando para um montante estimado de 1.795,1 mil toneladas.



Em São Paulo, com a maior parte do milho em enchimento de grãos e maturação, a realidade da quebra da safra se concretiza. O milho semeado, logo após a colheita de soja, poderá perder em torno 20% na sua produtividade, porque faltaram chuvas na germinação e desenvolvimento das plantas. Mesmo com as chuvas dos dias 10 e 11 de junho, os relatos apresentados são de que essas ocorrências não alterarão significativamente o cenário de estiagem. Há relatos de regiões ao norte/noroeste do estado onde a perda de algumas lavouras foi total, restando apenas as áreas irrigadas, com produção significativa.

No Paraná, apesar das boas chuvas de junho, acredita-se ser irreversível a perda de produtividade nas lavouras. Adicionalmente, cerca de 75% das lavouras ainda estão em fase susceptível a geadas, o que pode resultar em mais queda de produtividade depois de avaliados os impactos dos últimos dias de junho. As primeiras áreas colhidas estão apresentando rendimento bem abaixo da safra anterior e da expectativa inicial em razão da estiagem durante o desenvolvimento vegetativo e estágio reprodutivo da cultura, apresentando, como consequência, espigas menores e falhas na granação (principalmente nas ponteiros) em parte das lavouras. Também poderemos ter alteração na área, pois muitos produtores estão destinando as piores lavouras para silagem.

QUADRO 5 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra - Safra 2020/2021											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
RO	Leste Rondoniense - RO	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
TO	Oriental do Tocantins - TO		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			
MA	Sul Maranhense - MA		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			



UF	Mesorregiões	Milho segunda safra - Safra 2020/2021											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M	C				
	Noroeste Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Norte Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
CE	Sertões Cearenses		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Jaguaribe		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Centro-Sul Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Sul Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Oeste Potiguar		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
RN	Agreste Potiguar			S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Sertão Paraibano		PS	S/E/DV	F/EG	EG/M	EG/M/C	C					
PB	Agreste Paraibano			S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
PE	Sertão Pernambucano		PS	S/E/DV	F/EG	EG/M	EG/M/C	C					
MT	Norte Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C				
	Nordeste Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	C			
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C			
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	C			
GO	Leste Goiano - GO		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Sul Goiano - GO	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas - MG		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M	M/C	C			
SP	Assis - SP	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Itapetininga - SP	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Noroeste Paranaense - PR	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense - PR	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C			
	Norte Central Paranaense - PR	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense - PR	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense - PR	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA - INTENÇÃO DE PLANTIO PARA A TEMPORADA 2020/21

A terceira safra de milho na região do Sealba, Amapá e Roraima, que já teve o plantio iniciado, contará com uma área de 581,1 mil hectares, correspondendo a um incremento de 8,5% sobre o observado na safra passada. O incentivo na produção de grãos, particularmente na região do Sealba, tem recebido destaque por parte das secretarias de agricultura



locais, transformando as regiões onde predomina a monocultura da cana-de-açúcar em locais com alternativas de plantio, gerando mais opções de rentabilidade. As regiões produtoras estão localizadas de maneira estratégica, já que estão próximas do Ceará e Pernambuco, principais consumidores regionais de soja e milho. Vale destacar também a chegada de agricultores de outras regiões do país, com novas tecnologias, que têm estimulado o aumento da área plantada bem como da produtividade, incentivando os produtores locais a abandonar a monocultura da cana-de-açúcar.

Na Bahia, precisamente na região nordeste do estado, tem se observado nos últimos anos o crescimento do milho, com o emprego de elevada tecnologia nos municípios de Rio Real, Entre Rios, Inhambupe, Sátiro Dias e Olindina, além do cultivo tradicional em Paripiranga, Adustina e Fátima. Estima-se que estas áreas somem 68.000 hectares, sendo registradas perdas significativas em cerca de 3.000 hectares, que tiveram chuvas somente no plantio, sofrendo com o estresse hídrico durante maio. Em aproximadamente 45.000 hectares espera-se uma elevada produtividade média, em decorrência dos efeitos do “La Niña” - chuvas acima da média no Nordeste e expectativa de alta nos preços do milho - que tem gerado sentimento de conforto entre os produtores desta região. As lavouras seguem em fase de desenvolvimento vegetativo e florescimento, com a colheita esperada para setembro. A terceira safra de milho é destinada ao comércio atacadista e no atendimento das granjas de aves de suínos da Bahia, Pernambuco e demais estados da Região Nordeste. Nos municípios mais interioranos estima-se o cultivo de 190.000 hectares em localidades com menor volume de chuvas, emprego de menos tecnologia e cultivo consorciado com feijão, esperando-se a produtividade média de até 600 kg/ha. Nestes locais o reduzido volume de chuvas inibe as ações de



investimentos, sendo a maioria dos cultivos realizados para a manutenção das criações familiares.

Em Pernambuco, o milho é semeado na mesorregião do Agreste, onde o plantio ocorre normalmente entre abril e junho. No geral, o comportamento das chuvas neste início de safra tem se dado dentro da normalidade para semeadura do milho, que já foi totalmente realizada. A cultura encontra-se com cerca de 50% das lavouras em fase de desenvolvimento vegetativo, 30% em fase de pendoamento e 20% em florescimento. Algumas áreas registraram deficit hídrico, o que deve implicar diretamente em futuras perdas de produtividade. Dada a crescente necessidade e valorização do produto na região, alguns produtores se organizaram e vêm investindo no amplo emprego de tecnologia nas lavouras, com utilização de variedades híbridas e mais produtivas, além de plantio, tratos culturais e colheita mecanizada. Esse projeto, denominado Grãos Pernambuco, está sendo desenvolvido em parceria com a Associação Avícola de Pernambuco (Avipe), com o apoio da Secretaria Estadual de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco (AD Diper), Mapa, Governo do Estado de Pernambuco e Banco do Nordeste. No município de Angelim (PE), uma área de 70 hectares foi plantada experimentalmente sob o sistema de plantio direto.

Em Alagoas ocorreu a finalização do plantio, e os produtores se encontram bastante otimistas, tendo em vista as condições climáticas favoráveis e o mercado em alta. A expectativa positiva está também relacionada ao uso de novas técnicas, bem como a maior adaptação do solo a cada ciclo produtivo, nas diversas regiões do estado. O cultivo em Alagoas faz parte do calendário de segunda safra, semeado no outono-inverno, entre abril e julho, para ser colhido entre agosto e dezembro.



Em Sergipe, as áreas voltadas para o cultivo de milho estão todas semeadas, com os plantios tendo ocorrido em abril (10%), maio (75%) e junho (15%), estimadas atingirem 164,5 mil hectares. São utilizadas sementes transgênicas na quase totalidade dos casos. Com relação ao desenvolvimento das culturas, 90% das lavouras se encontram em crescimento vegetativo e 10% em pendoamento. Atualmente, as condições climáticas são desfavoráveis para o desenvolvimento da cultura na região agreste, principal região produtora. No sertão do estado, também com baixa umidade dos solos, as condições apresentam-se igualmente desfavoráveis. Assim como ocorreu nas áreas de feijão, as precipitações irregulares também causaram prejuízos nos plantios de milho. As precipitações ocorridas no final de abril e início de maio proporcionaram umidade no solo, que permitiu boa germinação e um bom crescimento vegetativo inicial. No entanto, os baixos volumes ocorridos na segunda quinzena de maio e primeira de junho têm provocado danos nas principais regiões produtoras. O aumento de área deve ficar em torno de 7%, destacando que os maiores produtores (Carira, Simão Dias, Frei Paulo e Pinhão) não possuem muita área a ser expandida. Ressalta-se que áreas como Itabaianinha, Boquim, Umbaúba e Cristinápolis não mostraram aumento de área significativo como era esperado. Os municípios que se destacaram com aumento de área plantada foram Cumbe, Nossa Senhora das Dores, Feira Nova, Gararu, Itabi, Graccho Cardoso, Riachão do Dantas, Tobias Barreto, Poço Verde e Lagarto. Apesar da substituição da cultura do feijão pelo cultivo do milho, o aumento significativo de área plantada ocorreu nas áreas de pastagem e em algumas áreas nativas.

Em Roraima, a estimativa do plantio para a safra 2020/21 permanece em torno de 15 mil hectares, com produtividade esperada de 6.000 kg/ha. O plantio já foi encerrado.

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS





Foto 6 – Cultura do milho na Bahia

Fonte: Conab.

Foto 7 – Milho com perda total em Douradina - MS



Fonte: Conab.



Foto 8 – Milho em Maracajú - MS

Fonte: Conab.

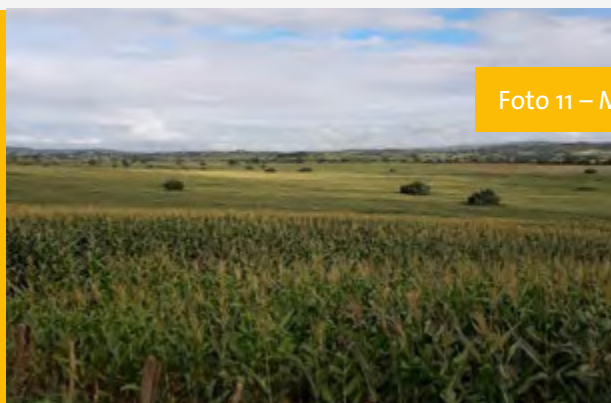


Foto 10 – Milho em Pernambuco



Fonte: Conab.

Foto 11 – Milho em Sergipe



Fonte: Conab.

Foto 12 – Milho irrigado em Rancharia - SP



Fonte: Conab.



Foto 13 – Milho segunda safra no Distrito Federal

Fonte: Conab.



Foto 14 – Milho segunda safra no MS

Fonte: Conab.



Foto 15 – Milho segunda safra sob estresse hídrico em São Paulo

Fonte: Conab.



Foto 16 – Milho sob estresse hídrico em Sergipe



Fonte: Conab.



SOJA

ÁREA

38.507,6 mil ha
4,2%

PRODUTIVIDADE

3.529 kg/ha
4,5%

PRODUÇÃO

135.911,7 mil t
8,9%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

A área plantada de soja, no período 2020/21, apresentou crescimento de 4,2% em comparação à safra anterior, atingindo 38,5 milhões de hectares. Apesar dos problemas com o clima, especialmente na colheita que afetou a qualidade de alguns lotes, a produtividade alcançada registrou incremento de 4,5% em relação ao exercício passado. Com isso, mais uma vez foi atingida produção recorde de 135,9 milhões de toneladas, representando incremento de 8,9% em comparação à safra passada.

CONJUNTURA DE SOJA

MERCADO INTERNACIONAL

Os preços médios (spot) de soja na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) de junho de 2021 foram calculados a UScents 1.462,33, com queda de -2,76% em relação a maio do ano em curso, com média de UScents 1.503/bu. Porém, cabe destacar que esse valor é 68,63% mais elevado que o calculado em junho de 2020.

Maio começou com os preços CBOT cotado no valor de UScents 1.548,40/bu, mas motivados principalmente pelo menor risco climático no meio oeste americano e ocorrência de fortes chuvas, os preços em Chicago começaram a baixar. Outro motivo de forte queda dos preços internacionais foi a divulgação no dia 18 de junho da possibilidade de os Estados Unidos



elevarem a taxa de juros para conter a inflação. Isso fez com que investidores buscassem investimentos mais seguros, como o dólar, e as commodities agrícolas sofreram forte queda, chegando a UScents 1.329/bu.

Além disso, existem rumores de uma possível redução de percentual de biocombustíveis (biodiesel) nos Estados Unidos. O óleo de soja no mercado internacional (CBOT), que é um dos motivos da elevação dos preços do grão, começa a perder força, fechando junho de 2021 menor em -3,46% que o fechamento de maio/21.

E mesmo com a condição percentual da cultura entre boa a excelente divulgada pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) sendo mais baixa que a do mesmo período de 2020, as cotações em Chicago fecharam junho de 2021 em UScents 1.450/bu.

Mas o mercado repercute o valor dos estoques trimestrais divulgado pelo Usda do dia 30 de junho que os estoques americanos armazenados em 1º de junho estão 44% menores que em 1º de junho de 2020, o que pode dar um tom altista para os preços internacionais em julho.

MERCADO NACIONAL

Com a baixa dos preços internacionais, o mercado volta a ter forte interesse em comprar (importar) soja, com isso, os prêmios de portos voltam a ficar positivos, reduzindo um pouco as perdas de Chicago.

Por outro lado, o dólar que é um grande responsável pela manutenção das altas dos preços nacionais teve uma queda de -4,42% se comparado



o valor pago em 31 de maio e 30 de junho. Motivado então pela queda dos preços internacionais (CBOT) e do dólar, o preço Brasil de junho de 2021 é o pior desde dezembro de 2020, 7,74% menor que maio de 2021. Para julho, os preços médios no Brasil devem ter uma pequena alta após a forte queda de junho de 2021.

OFERTA E DEMANDA

Com a colheita finalizada, a Conab estima que a produção de soja para a safra 2020/21 seja de 135,91 milhões de toneladas, com um pequeno ajuste positivo se comparado aos 135,86 milhões de toneladas divulgados na safra anterior, um aumento de 8,9% em relação à safra anterior, que foi de 124,85 milhões de hectares.

Esse aumento de produção é motivado por um aumento de área de aproximadamente 4,2% e produtividade de 4,5%. O aumento de área foi incentivado principalmente pela alta dos preços internacionais, aliado ao dólar elevado de 2020.

A demanda interna total (esmagamentos, sementes e perdas) estimada é de 49,95 milhões de toneladas, com uma redução de aproximadamente 29 mil toneladas em relação ao último relatório, motivada pela dedução de estimativa de consumo de óleo de soja, que, por sua vez, foi movida pela redução do percentual de biodiesel de B13 para B10 em maio e junho de 2021. Porém, parte da perda de consumo de óleo de soja que seria usado para a produção de biodiesel deve ser transferido para exportação, já que há uma forte demanda internacional e que há problemas de safra de grãos na Argentina, grande exportador de óleo de soja mundial.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), as exportações de soja



para maio foram estimadas em 11,11 milhões de toneladas. Este número é 12,74% menor que o exportado em maio de 2020. Com isso, as exportações brasileiras de soja, em 2021, somam aproximadamente 59,43 milhões de toneladas, apenas 1,1% superior ao exportado de janeiro a junho de 2020. Em 2021, é esperado uma exportação próxima de 86,69 milhões de toneladas, e o estoque de passagem de soja em grãos da safra 2020/21 deve ser aproximadamente 4,38 milhões de toneladas.

ANÁLISE REGIONAL

REGIÃO NORTE-NORDESTE

O plantio regional atingiu 5.855,2 mil hectares, 7,1% de incremento em relação à safra anterior. Mesmo com as dificuldades apresentadas pelo clima, não houve comprometimento nos níveis de produtividade média, e a produção atingiu 20.237,4 mil toneladas, representando incremento de 8,1% em relação ao exercício anterior.

Em Rondônia, as lavouras tanto da primeira quanto da segunda safra foram colhidas. A semeadura da segunda safra foi iniciada em janeiro, quando os primeiros talhões de soja de primeira safra vinham sendo colhidos, estendendo-se até a primeira quinzena de março. Em fevereiro ocorreu a concentração da semeadura, com mais de 50% sendo realizada no período. A produtividade variou negativamente partindo de 3.541 kg/ha na safra passada para 3.468 kg/ha na safra atual, e só não foi maior porque a área de soja safrinha aumentou muito na atual temporada, bem como as áreas de soja da primeira safra, que foram cultivadas pela primeira vez.



Em Tocantins, o cultivo da segunda safra de soja, irrigada e que tem como objetivo a produção de sementes, foi realizado nos municípios de Lagoa da Confusão, Pium, Formoso do Araguaia e Dueré. A cultura é semeada em sucessão à colheita do arroz irrigado de primeira safra. As lavouras se encontram em boas condições e estão em desenvolvimento vegetativo, com o manejo para variedades de ciclo longo, requerendo, em média, até quatro aplicações de pesticidas para o controle de pragas e doenças.

No Piauí, a colheita da soja se encontra finalizada. As condições de chuvas irregulares durante janeiro, de forma geral, causaram algum prejuízo na produtividade das lavouras. O retorno da normalidade das chuvas durante fevereiro favoreceu o desenvolvimento final das lavouras de soja, porém a continuidade dos bons índices de precipitação gerou problemas com atraso de colheita durante março. Apesar deste cenário, foram alcançadas produtividades satisfatórias, girando em torno dos 3.285 kg/ha, redução de 2,7% em relação à safra passada.

No Maranhão, em junho, foi finalizada a colheita das lavouras de soja. As últimas áreas ocorreram nas regiões de Chapadinha, Baixo Parnaíba Maranhense, Caxias e Coelho Neto, no leste maranhense, onde a cultura obteve bom desenvolvimento com alcance de boa produtividade. Na microrregião de Chapadinha, em razão do regime favorável de chuvas, o rendimento médio alcançado atingiu 3.000 kg/ha. Na microrregião do Baixo Parnaíba Maranhense, apesar de ocorrência da falta de chuvas no decorrer dos ciclos e casos de soja louca (nematóide da haste verde) em algumas localidades, a produção apresentou bons resultados. Na microrregião de Caxias, apesar das adversidades climáticas nos meses iniciais, as lavouras se desenvolveram bem e foi observado aumento de área cultivada. Na safra 2020/21, a área plantada alcançou 1.005,7 mil hectares, 3% acima do



plantado na safra passada. O aumento evidenciado nas regiões sul, oeste e nas microrregiões de Caxias e Chapadas do Alto Itapecuru, ocorreu em razão da elevação dos preços do produto e alta demanda externa. A produtividade média esperada está em torno de 3.267 kg/ha, e com produção estimada de 3.285,6 mil toneladas de grãos.

REGIÃO CENTRO-OESTE

A região foi bastante afetada pela instabilidade do clima, particularmente no momento da colheita, sem, no entanto, comprometer o histórico desempenho regional. Houve incremento de 3,5% na área plantada, totalizando 17,2 milhões de hectares, com uma produção de 61.321,7 mil toneladas, representando aumento de 1% em relação ao exercício passado.

Em Goiás, a comercialização da soja se estabilizou com os produtores insistindo em não fechar contratos abaixo de R\$140 a saca de 60 quilos em virtude do aumento dos custos de produção para a próxima safra, principalmente em relação aos fertilizantes.

Em Mato Grosso, com a colheita já encerrada desde abril, o foco do produtor está na negociação e no escoamento da safra de soja, assim como na aquisição de insumos para a safra a ser plantada, a partir de setembro. Nesse sentido, o produtor já antecipou e garantiu os insumos que serão utilizados para a próxima semeadura. Em Mato Grosso, o produtor tem feito bastante uso da modalidade de troca de insumos por produção futura.



REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste, o clima não interferiu no desempenho das lavouras, e a produção registrou forte impulso, atingindo 11.321,7 mil toneladas. Graças ao desempenho das lavouras de soja em São Paulo e Minas Gerais, a região apresentou nesta temporada recordes históricos de área, produtividade e produção.

REGIÃO SUL

Incremento observado na área plantada de 2,4% em relação ao exercício anterior, atingindo recorde regional de 12.375,3 mil hectares. Exceção feita ao ocorrido no Paraná, onde o clima afetou duramente as lavouras, o desempenho nos demais estados foi espetacular. A região apresentará produção recorde, atingindo 43.031,5 mil toneladas, representando incremento de 21,9% sobre o exercício passado.

QUADRO 6 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						

UF	Mesorregiões	Soja - Safra 2020/2021											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RR	Norte de Roraima	M/C	C						PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M
RO	Leste Rondoniense	PS	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C					
PA	Sudeste Paraense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	S/E	E/DV	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PS	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PS	S/E	DV	F	EG/M/C	M/C	C					

Continua



UF	Mesorregiões	Soja - Safra 2020/2021											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
GO	Leste Goiano		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		S/E	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			S/E	DV/F	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		S	S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E	E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Catarinense	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
SC	Norte Catarinense	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Serrana	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Noroeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
RS	Nordeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



TRIGO

ÁREA

2.629,6 mil ha

12,3%

PRODUTIVIDADE

3.225 kg/ha

21,1%

PRODUÇÃO

8.480,2 mil t

36%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIA 113 mil t

PRODUÇÃO 8.480,2 mil t

IMPORTAÇÕES 6.400 mil t

13.455,1 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 12.123,1 mil t

EXPORTAÇÕES 600 mil t

12.723,1 mil t

A semeadura segue avançando, especialmente na Região Sul, que é a de maior destaque em termos de destinação de área e em produção do cereal. Em outros estados de outras regiões, como Goiás, Minas Gerais e São Paulo, as operações de plantio já estão concluídas, e agora observa-se o desenvolvimento da cultura.

De modo geral, as condições climáticas estão oscilantes, principalmente no que se refere às precipitações, porém houve uma incidência maior das precipitações no último mês, garantindo umidade adequada nos solos, viabilizando a germinação, emergência e desenvolvimento inicial das lavouras.

Assim, a estimativa atual aponta para aumento de área plantada nesta safra em comparação a 2020 (incremento previsto de 12,3%), podendo chegar a mais de 2,6 milhões de hectares semeados.



OFERTA E DEMANDA

Em junho de 2021, o mercado doméstico encontrava-se atento às condições climáticas e à evolução dos trabalhos de semeadura no Sul do país. Até o dia 30 de junho, o Paraná havia plantado 95% de sua área, visto que a grande maioria das lavouras (95%) se encontravam em boas ou ótimas condições e apenas 5% em médias ou ruins. Com o bom progresso do trabalho de plantio, a queda do dólar e a expectativa de aumento da produção nacional, as cotações apresentaram desvalorizações em suas médias mensais. A média do Paraná foi cotada a R\$ 78,90 saca de 60 quilos, apresentando desvalorização mensal de 8,3%, e o Rio Grande do Sul foi cotado a R\$ 80,40 a saca de 60 quilos, apresentando desvalorização mensal de 4,3%.

No mercado internacional, a redução nas exportações dos Estados Unidos, a expectativa de maior oferta mundial, a queda de outras commodities como milho e soja e o ingresso da safra de inverno nos Estados Unidos contribuíram para a desvalorização mensal. A média mensal de maio da cotação FOB Golfo foi de US\$ 275,73 a tonelada, apresentando desvalorização mensal de 7,3%.

A Conab revisou os números referentes à produção da safra 2021/22, que passou de 6.942,1 mil toneladas para 8.420,2 mil toneladas, bem como o do consumo interno no que se refere ao uso para sementes, pois houve aumento na estimativa de área a ser plantada. Com estimativa de aumento de 36% da safra 2021/22 devido ao incremento de área de 12,3%, bem como de produtividade na ordem de 21,1%, estima-se redução no volume a ser importado, que passou de 6.400 mil toneladas para 6.000 mil toneladas, além de encerrarmos a safra com estoque de passagem mais confortável, com 1.870,1 mil toneladas, aproximando-se do volume observado em safras anteriores, a 2019/20.



TABELA 9 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014	2.414,1	5.971,1	5.328,9	13.714,1	10.652,2	1.680,5	1.381,4
2015	1.381,4	5.534,9	5.517,6	12.433,9	10.312,7	1.050,5	1.070,7
2016	1.070,7	6.726,8	7.088,5	14.886,0	11.470,5	576,8	2.838,7
2017	2.838,7	4.262,1	6.387,0	13.487,8	11.244,7	206,2	2.036,9
2018	2.036,9	5.427,6	6.753,1	14.217,6	12.435,8	582,9	1.198,9
2019	1.198,9	5.154,7	6.676,7	13.030,3	12.460,6	342,3	227,4
2020*	227,4	6.234,6	6.600,0	13.062,0	12.099,0	850,0	113,0
2021**	227,4	8.480,2	6.000,0	14.707,6	12.123,1	600,0	1.984,5

Legenda: (*) Estimativa,

(**) Previsão.

Fonte: Conab.

Nota: Estoque de Passagem - Milho: 31 de Julho.

ANÁLISE ESTADUAL

O local de grande destaque para as culturas de inverno no país, em especial à de trigo, é a Região Sul. Seu clima temperado favorece o desenvolvimento desses cereais e proporciona boa adaptabilidade a eles em relação aos seus centros de origem.

Nesta safra 2021, só para a triticultura, a perspectiva é que sejam destinados mais de 2,3 milhões de hectares na região, representando mais de 90% da área total prevista para todo o país.

O Paraná encabeça esse destaque, com expectativa de destinação de 1.183,3 mil hectares para semeadura de trigo nesta temporada (aumento de 5,9% na área cultivada em comparação à temporada anterior). As operações de plantio já estão em fase final de execução, passando dos 90% da área prevista até o fim de junho. A boa distribuição das chuvas registradas no último mês favoreceu a implantação de muitas lavouras, e a perspectiva é que tais condições persistam por mais tempo para viabilizar a conclusão



das operações e o desenvolvimento fisiológico da cultura. Quanto ao desenvolvimento das lavouras já implantadas, a condição apresentada, até o momento, é considerada muito boa (mesmo com a ocorrência pontual de geadas, porém em fase inicial do desenvolvimento das plantas), dispondo de certa umidade no solo e temperaturas médias amenas, essas características são benéficas à cultura.

No Rio Grande do Sul, a semeadura avançou e chegou a 75% dos 1.096,7 mil hectares estimados para plantio de trigo neste ciclo. A umidade do solo adequada e a sequência de dias secos facilitaram a entrada das máquinas, e os produtores conseguiram aproveitar o clima estável. A região do Alto/Médio Uruguai (Santa Rosa/Três de Maio) é a que tem a semeadura mais adiantada, já tendo concluído as operações. Nas regiões das Missões e Fronteira Oeste há em torno de 80% a 90%, e no Planalto Médio varia de 60% a 80% da área total prevista. Na região Central 50% semeado e na região Sul 45%. Na região dos Campos de Cima da Serra e Serra a semeadura inicia mais tarde e estão, respectivamente, com 10% e 15% da área semeada.

Muitos produtores, especialmente nas regiões em que o zoneamento inicia mais cedo devido às perdas ocorridas na safra anterior por geadas tardias, evitaram a semeadura logo no início da janela, concentrando um pouco mais em meados de junho.

A grande valorização do produto, puxada pela escassez mundial de grãos, trigo e milho, verificada no último ano, eleva a estimativa da área deste cereal no estado, aumentando quase 17,9% em comparação à área plantada na safra passada (saindo de 930,2 mil hectares em 2020 para previsão de 1.096,7 mil hectares em 2021).



Quanto as lavouras já implantadas, 45% delas estão em fase de germinação e 55% em desenvolvimento vegetativo.

Em Santa Catarina houve avanço significativo na semeadura do trigo, influenciado, principalmente, pelas condições climáticas mais favoráveis. Nesse cenário benéfico, a perspectiva é que mais de 50% dos 88,3 mil hectares previstos para o plantio da cultura tenham sido efetivamente semeados até o final de junho. Tal número indica incremento de 44,5% na área plantada em comparação a 2020, e isso está muito atrelado aos bons preços pagos pelo cereal neste ano, além de políticas públicas de incentivo ao cultivo do trigo no estado. Atualmente, as lavouras já implantadas estão em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo, visto que as suas condições são consideradas como boas, até o momento, mesmo com a ocorrência pontual de geadas.

Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo são tradicionais triticultores e continuarão a destinar uma importante porção de área para o plantio do cereal.

Em Minas Gerais houve redução na previsão inicial para área destinada à triticultura nesta safra. A informação atual é de diminuição nas áreas de trigo, especialmente aquelas de manejo irrigado, totalizando assim um plantio de 75,9 mil hectares no estado, representando decréscimo de 11,8% em comparação ao valor direcionado na temporada passada. Nesse cenário, as primeiras perspectivas de produção apontam para um volume total na ordem de 191,3 mil toneladas, indicando diminuição em relação as 227 mil toneladas colhidas em 2020.

Em São Paulo, o plantio do trigo está finalizado, com as lavouras estabelecidas em fases de germinação e desenvolvimento vegetativo. Foram



cerca de 86 mil hectares destinados à triticultura paulista nesta temporada, com maior destaque para o cultivo nas regiões de Itapetininga, Itapeva e Avaré, tradicionais produtoras de trigo no estado. A condição apresentada, até o momento, é considerada boa, dispondo de certa umidade no solo e com registros de temperaturas médias mais amenas.

Na Região Centro-Oeste houve aumento importante na área destinada à triticultura em comparação à safra passada. Todas as Unidades da Federação produtoras (Goiás, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal) apresentaram incremento de área, perfazendo um total de 161,9 mil hectares semeados por toda a região.

Em Goiás, a safra está avançando, inclusive com início de colheita em algumas lavouras de plantio mais precoce e que são manejadas em condição de sequeiro. Ao todo, foram destinados cerca de 55 mil hectares à triticultura goiana nesta temporada (com áreas manejadas tanto em sequeiro quanto com irrigação complementar). Atualmente, a perspectiva para o rendimento médio da cultura aponta para redução em comparação à temporada anterior, especialmente pelas questões climáticas (irregularidade das chuvas e baixo acumulado hídrico nos solos, principalmente para as lavouras de sequeiro). Contudo, o incremento importante de área plantada deve garantir uma boa produção no estado (estimada em 142,2 mil toneladas).

Na Região Nordeste, o plantio de trigo está concentrado na Bahia, com destinação de 6 mil hectares nesta safra, sendo toda a área manejada com irrigação. Vale ressaltar que a área semeada dobrou em relação ao ano passado, estimulada, principalmente, pela construção de um moinho de



trigo na região de Luís Eduardo Magalhães.

QUADRO 8 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva					Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva					Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva					Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
UF	Mesorregiões–	Trigo - Safra 2021											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SP	Itapetininga				S	E/DV	F	EG	EG/M	M/C			
PR	Centro Ocidental Paranaense					S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Norte Central Paranaense					S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense					S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Oeste Catarinense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
SC	Norte Catarinense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
RS	Serrana					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 17 – Trigo em Itapeva - SP

Fonte: Conab.



Foto 18 – Trigo em Laguna Caaarapã - MS

Fonte: Conab.

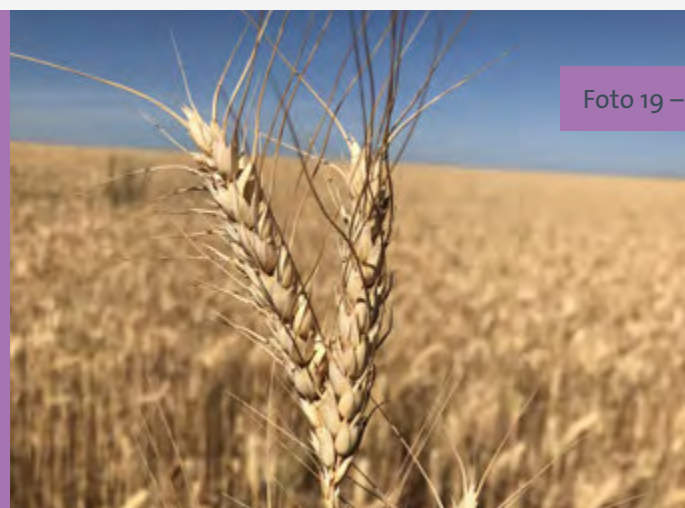


Foto 19 – Trigo Sequeiro no Distrito Federal

Fonte: Conab.



Foto 20 – Trigo sequeiro no Distrito Federal

Fonte: Conab.



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Para a safra total do amendoim na safra 2020/21, estima-se um aumento de 3,2% na área em relação ao período anterior, e uma produção total de 596,7 mil toneladas, 7% maior que a safra passada.

Em São Paulo, a segunda safra tem uma menor produção, pois as condições de calor e umidade requeridas pela cultura não são ideais em comparação com a cultivada nas águas.

O período mais adequado ao cultivo da seca vai do final de fevereiro, após a colheita do amendoim das águas, até próximo ao final de março. Não é recomendado o plantio fora desse período, pois, devido aos riscos climáticos, dificilmente os resultados são satisfatórios.

Esta safra é responsável por aproximadamente 5% da produção total de amendoim em São Paulo, sendo cultivado predominantemente na alta paulista (Tupã e Herculândia), combinada com o processo de reforma de pastagens. Nesta safra houve uma estabilidade na área plantada e recuo na produtividade em razão das poucas chuvas no decorrer do seu desenvolvimento.



QUADRO 9 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra - Safra 2020/2021						
		OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
SP	Araçatuba	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Araraquara	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Assis	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Bauru	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Marília	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Presidente Prudente	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Ribeirão Preto	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	São José do Rio Preto	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C

UF	Mesorregiões	Amendoim segunda safra - Safra 2020/2021							ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR					
BA	Nordeste Baiano	C								S/E/DV	DV/F	EG	EG/M
	Metropolitana de Salvador	C								S/E/DV	DV/F	EG	EG/M
SP	São José do Rio Preto								S/E/DV	F/EG	M/C		
	Ribeirão Preto								S/E/DV	F/EG	M/C		
	Presidente Prudente								S/E/DV	F/EG	M/C		
	Marília								S/E/DV	F/EG	M/C		
	Assis								S/E/DV	F/EG	M/C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

GERGELIM

Para esta safra, a previsão total da cultura do gergelim é de uma área plantada de 161,1 mil hectares, e produção de 111,1 mil toneladas.

Em Mato Grosso, o estágio predominante das lavouras é o de maturação, e julho deverá concentrar a maior parcela da área a ser colhida. O rendimento médio está projetado em 693 kg/ha, mas existe a possibilidade de ser maior, devendo ser confirmado à medida que os trabalhos de colheita avancem.

O quadro é mais positivo em termos de produtividade média para o atual



ciclo, já que, na safra passada, o rendimento médio foi de apenas 548 kg/ha, numa safra marcada por diversas adversidades, como problemas com manejo e sementes, ainda incipientes para a cultura em âmbito estadual.

GIRASSOL

A estimativa para a safra 2020/21 é de retração na área plantada. A previsão é que sejam cultivados 34,4 mil hectares, que, comparados com os cultivados na safra anterior, equivalem à retração de 27%. Quanto à produção, também se espera redução em comparação à temporada passada (52,1 mil toneladas estimada para 2020/21, ante as 74,9 mil toneladas obtidas no exercício anterior), muito em razão da diminuição de destinação de área e influenciada pela previsão de decréscimo no rendimento médio.

A Região Centro-Oeste é a principal produtora de girassol. Além da extração do óleo, é comum sua utilização na alimentação animal e humana.

Em Mato Grosso, os trabalhos de colheita do girassol estão evoluindo à medida que as áreas chegam ao ápice da maturação fisiológica e, até o encerramento de junho, estima-se que 41% do espaço alocado à cultura já tenha sido colhido.

Os trabalhos deverão se estender por julho, e a produtividade média está estimada em 1.500 kg/ha, a ser confirmada com a evolução dos trabalhos de colheita.

Destaca-se que forte retração de área tem sido observada para a cultura do girassol nos últimos anos, que, neste ciclo, limita-se a apenas 8,5 mil



hectares, concentrando-se apenas em poucos municípios na região oeste estadual.

Nem os maiores preços foram capazes de animar o setor produtivo. O preço pago ao produtor tem sido bom tanto para o produto convencional como para o alto oleico, e a produção se encontra praticamente toda negociada.

Em Goiás, o plantio de 23 mil hectares está concentrado na região sul do estado. Foram colhidas aproximadamente 10% das áreas, com produtividade média de 1.500 kg/ha. A expectativa é que as colheitas se encerrem com produtividade entre 1.200 kg/ha e 1.320 kg/ha.

Os grãos estão chegando aos armazéns com umidade em torno de 10%, apresentando boa qualidade.

A Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa) estabelece por meio de sua Instrução Normativa nº 8, de 2017, que, em virtude da presença de restos culturais de plantas de soja em meio a lavouras de girassol, estas devem ser colhidas até 30 de junho, época após a qual se inicia o vazio sanitário da soja em Goiás.

Segundo informações, novamente este ano a Caramuru (uma das principais compradoras da produção de girassol na região) entrou com um pedido junto à Agrodefesa para que o período de colheita do girassol se estenda até meados de julho, visto que, com o atraso no plantio das lavouras, não será possível a conclusão da colheita de todas as áreas no estado até o prazo estabelecido.

Em Minas Gerais, as áreas de girassol têm grande variação percentual,



entretanto, isso se deve ao aumento das áreas verificadas e que não estavam produzindo.

Há informação que as lavouras não estão como se esperava, a produtividade já aponta declínio devido aos problemas climáticos.

Há sinais de maior contratação e já neste levantamento uma pequena área sinaliza o retorno do plantio na cidade de Tupaciguara.

No Distrito Federal, a cultura se encontra em fase de floração e maturação, com área registrada neste levantamento de 700 hectares, a expectativa de produtividade média é de 2.260 kg/ha, configurando, portanto, uma produção de 1,6 mil toneladas.

A produção local é destinada em sua maioria ao comércio varejista, onde é vendida principalmente para criadores de aves ornamentais.

MAMONA

A safra está em andamento, com as operações de colheita já se consolidando em alguns dos estados produtores. De modo geral, houve incremento na área plantada em comparação ao ciclo passado, porém as oscilações climáticas, especialmente no quesito irregularidade das chuvas, fez com que o potencial produtivo da cultura fosse reduzido. Assim, a previsão para o rendimento médio é de decréscimo em relação a 2019/20, bem como a produção final, que atualmente está estimada em 34,9 mil toneladas, ante as 43,3 mil toneladas colhidas na safra anterior.

O Nordeste é a principal região produtora, com destaque para a Bahia. Estima-se incremento de área para o Nordeste em 3,7%, e retração na produção de cerca de 33,1%.



Na Bahia, as lavouras de mamona, aparentemente, foram menos impactadas pelo veranico nesta safra, quando comparada com as lavouras de milho e feijão, em virtude da resistência à seca por parte da cultura.

No entanto, os produtores acreditam que a produção será menor se comparada a safra do ano anterior, tendo em vista que as condições climáticas foram mais favoráveis em 2020.

Na visita a campo, foram observadas áreas no final da maturação, com plantas bem carregadas, que foram implantadas em áreas de hortaliças. Por causa disso, de acordo com os produtores, foram beneficiadas pela adubação realizada anteriormente e, conseqüentemente, estão mais produtivas.

Atualmente o preço do grão está atrativo para os produtores, e muitos estão planejando retomar a produção, inclusive, com aumento de área. Os informantes acreditam que a área da mamona sofrerá um acréscimo para a próxima safra.

Em Mato Grosso, a colheita da mamona segunda safra já teve início, e deverá se estender também até julho, mês no qual deverá ocorrer seu encerramento.

O estágio predominante das lavouras é o de maturação, e a produtividade deverá ser de 912 kg/ha, similar à registrada no ciclo passado.

Pode-se considerar a produção como toda comercializada, pois a produção da cultura da mamona ocorre sob contratos previamente estabelecidos.

SORGO



Para a safra total em 2020/21, a estimativa é de uma produção total de 2,46 milhões de toneladas, 1,4% menor que a safra anterior, cultivada em uma área total de 865,7 mil hectares.

No Pará, estima-se uma área plantada de 20,6 mil hectares com sorgo para grãos, cujas lavouras estão recebendo as chuvas do fim da estação. O sorgo do estado é utilizado para a proteção do solo e alimentação animal.

Em Tocantins foi iniciada a colheita do sorgo granífero no estado, estima-se que 10% da área cultivada foi colhida, e a produtividade média estimada é de 2.108 kg/ha. O produto é comercializado e destinado para Minas Gerais e Goiás e também para a Região Nordeste do país.

O mercado de ração animal vem impulsionando o aumento no cultivo desta cultura em todo o estado. Neste ano agrícola, a cultura do sorgo foi bastante plantada devido ao atraso na colheita da cultura da soja de sequeiro, visto que o cereal possui um ciclo mais curto, com uma maior tolerância ao deficit hídrico, auxiliando também na formação de palhada para cobertura do solo.

No Maranhão, a cultura do sorgo cultivada na região sul do estado, após a colheita da soja e o plantio de milho segunda safra, teve a semeadura realizada entre o final de fevereiro e março. A colheita está prevista para ocorrer entre julho e agosto de 2021.

Na presente safra, a área total apresentou 9,8 mil hectares, com redução de 7,5% em relação à área plantada na safra anterior devido ao menor interesse de cultivo da cultura. A produtividade média esperada é de 2.247 kg/ha, e produção de 22 mil toneladas.



No Piauí, a lavoura de sorgo é plantada como cultura de segunda safra, em sucessão à soja. O plantio no estado ocorreu no final de março. A área plantada na safra 2020/21 foi de 11,6 mil hectares, 59,3% menor que a área da safra anterior, com os produtores optando por plantar maiores áreas de milho segunda safra. A cultura se encontra nas fases de enchimento de grãos e maturação, e é considerada em condições regulares.

No Rio Grande do Norte, a cultura do sorgo tem dupla aptidão, e vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta vai para ração animal como forragem. Como o levantamento considera somente o sorgo granífero, estima-se na presente safra uma área estável de 600 hectares.

Na Bahia, no extremo-oeste, a colheita foi iniciada, e deve se estender até agosto. A produção é destinada ao setor de criação, como fonte de alimento energético, abastecendo a Bahia e também os demais estados do Nordeste.

Em toda a região centro-norte, a cultura produziu mesmo com a irregularidade climática deste ano. Contudo, a baixa produção induz os produtores a destinarem a maior parte das lavouras para produção de silagem ou pastejo direto, uma vez que o manejo é mais simples, e o preço atual do milho está inviável para os pequenos criadores.

No centro-sul, o grão é uma alternativa para os agricultores da região, visto que o milho é menos resistente à seca, e o preço atual deste grão incentivou ainda mais a procura pelo sorgo. Entretanto, muito embora o sorgo possua resistência a seca, as condições climáticas foram muito



desfavoráveis para o desenvolvimento das lavouras, onde boa parte das últimas áreas a serem colhidas foram destinadas à silagem, o que diminuiu ainda mais a produção atual.

Em Mato Grosso, o sorgo já iniciou a colheita, com cerca de 25% de sua área colhida, cujos trabalhos devem se concentrar em julho. Neste momento, predomina o estágio de maturação das lavouras.

Nesta safra, observam-se um leve incremento de área e também maiores investimentos na cultura em termos de sementes certificadas e de melhor qualidade, o que deverá resultar em produtividade média mais elevada. Ainda que o sorgo tenha perdido muito espaço no Mato Grosso nos últimos anos, no atual ciclo existe certo interesse pela cultura, pelo fato desse produto ser substituto ao milho para a formulação de ração animal, commodity que vislumbra um quadro de restrição de oferta e preços altos, além do fato de o sorgo ser uma cultura relativamente mais resistente ao clima mais seco, condição existente na segunda safra de Mato Grosso e ainda mais presente no atual ciclo, tendo em vista o encurtamento da janela de plantio e cultivo para as culturas de segunda safra.

Em Mato Grosso do Sul, a cultura foi semeada como alternativa de segunda safra em áreas onde a colheita da soja foi muito tardia e inviabilizou a semeadura do milho segunda safra.

Apesar da redução da produtividade devido à estiagem prolongada, ainda assim é considerada uma boa alternativa devido a sua maior rusticidade, quando não foram verificadas perdas tão severas como ocorreu com o milho segunda safra na maior parte das áreas cultivadas.

No decorrer de junho foram verificadas infestações dentro da normalidade



da lagarta-do-cartucho (*Spodoptera frugiperda*) e em maior nível de pulgão verde (*Schizaphis graminum*), sendo necessárias aplicações de inseticidas para evitar danos econômicos.

A maior parte dos cultivos de sorgo ocorre na região centro-norte estadual. Com um alto percentual da cultura na fase de enchimento de grãos, a disponibilidade hídrica ainda é suficiente para completar o ciclo produtivo. Há também algumas áreas já iniciando a maturação, e devem ser colhidas no final de julho.

As lavouras da região centro-sul estão mais atrasadas, com muitas áreas em florescimento, fase que a planta é muito susceptível ao frio devido ao favorecimento do ergot (*Claviceps africana*), doença que pode inviabilizar a produção mesmo tendo recebido aplicação preventiva de fungicida.

Em Goiás, algumas áreas já iniciaram a colheita (em torno de 2%). As lavouras de sorgo se encontram, de forma geral, em condições ruins em relação à produtividade esperada. A queda de produtividade é fato para a cultura nesta safra, e as médias colhidas, até o momento, variam entre 30 scs/ha a 55 scs/ha.

As chuvas de meados de junho favoreceram o enchimento de grãos para aquelas áreas mais atrasadas. Relatos pontuais em alguns municípios do sudoeste goiano sugerem prejuízos causados pela estiagem, particularmente durante a fase reprodutiva do sorgo, especificamente quanto ao atraso na emissão dos cachos e enchimento dos grãos, porém sem perspectivas de redução nas produtividades.

As lavouras de sorgo se encontram predominantemente em enchimento de grãos e maturação, e sua colheita está prevista para se concentrar



durante julho nos principais municípios produtores, estendendo-se até agosto.

Os preços do sorgo no mercado se mostram firmes, e o produtor não se sente estimulado a antecipar sua comercialização em porcentagens superiores às aquelas que cobrem seus custos de produção, aguardando a possibilidade de uma alta ainda maior nos preços.

Nesta safra, os produtores ficaram mais precavidos contra o ataque de pragas e doenças, principalmente de cigarrinha e pulgão amarelo, investindo em duas ou mais aplicações. O custo da aplicação aumentou um pouco neste ano, onde os maiores custos da cultura estão concentrados na aquisição de sementes e colheita.

No Distrito Federal, as lavouras se encontram com 40% em maturação e 60% em início de pendoamento, e a produtividade será menor que a da safra anterior.

Em São Paulo, o sorgo granífero é considerado um bom substituto do milho segunda safra, sendo destinado à fabricação de ração animal. Com isso, cresce sua importância do ponto de vista econômico, principalmente, quando ocorre escassez do milho no mercado, que afeta os custos da alimentação animal e eleva a demanda pelo sorgo na fabricação de ração.

A rentabilidade do sorgo é dependente da oferta de milho, uma vez que o preço de venda do sorgo é estipulado em relação ao preço do milho, normalmente equivalente a 80%.



QUADRO 9 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Sorgo - Safra 2020/2021								
		DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano			PS	S/E/DV	DV/F	F	F/EG	EG/M	M/C
	Vale São-Franciscano da Bahia	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
MS	Leste de Mato Grosso do Sul			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MT	Sudeste Mato-grossense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Goiano			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
GO	Leste Goiano			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sul Goiano			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
DF	Distrito Federal			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Noroeste de Minas			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Em Mato Grosso do Sul, o cultivo da aveia-branca normalmente está relacionado à cobertura de solo, no entanto, vem despertando interesse em razão da valorização dos preços pagos pelo cereal. Nesta safra, a destinação de área foi menor que no ano passado, ficando em 40 mil hectares semeados com a cultura no estado. Apesar do início difícil, com escassez de precipitações na fase de implantação, atualmente as lavouras estão em pleno desenvolvimento e apresentam boas condições.

No Paraná, a cultura perdeu espaço nesta safra, principalmente para trigo, que se apresenta como uma cultura mais rentável. Assim, espera-se a destinação de 69,9 mil hectares para a semeadura da aveia neste ciclo, sendo 14,7% inferior à área semeada em 2020. Atualmente, as lavouras mais adiantadas já se encontram em floração e em boas condições. O clima está favorável, e propiciou boa germinação e desenvolvimento, até o momento.

No Rio Grande do Sul o clima colaborou, e a semeadura está praticamente concluída nos 298,8 mil hectares previstos para o cultivo da aveia. A maior parte das lavouras está em desenvolvimento vegetativo (87%). Outros 11% estão em emergência e 2% já iniciam a floração, principalmente



no norte do estado, que teve o plantio mais precoce. As lavouras estão com emergência uniforme e adequada densidade de plantas. As áreas beneficiadas pelas chuvas regulares que se encontram em perfilhamento e já estão recebendo adubação nitrogenada de cobertura.

QUADRO 10 - MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

Legenda - Condição hídrica													
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										

UF	Mesorregiões	Aveia - Safra 2021											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul					S/E/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C			
PI	Centro Ocidental Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
BA	Norte Central Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
PR	Oeste Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense					S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RS	Nordeste Rio-grandense						S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

CANOLA

No Paraná, o plantio do cereal está em andamento, com as lavouras já implantadas se desenvolvendo bem (algumas, até mesmo, entrando em fase de floração). A área cultivada no estado é pequena (estimada em 700 hectares para esse ciclo) devido à falta de interesse do produtor pela cultura e à sensibilidade da canola a geadas.

No Rio Grande do Sul, o ciclo da cultura está avançando nos 38,3 mil hectares semeados neste ciclo (houve aumento de 10% na área plantada



em comparação ao ano passado). Nas regiões do Alto e Médio Uruguai, as lavouras já entraram em fase reprodutiva e, com isso, vem certa preocupação com relação às baixas temperaturas e ocorrência de geadas nesses estádios críticos para a cultura. Até o momento, as condições das lavouras são consideradas boas.

CENTEIO

No Paraná, o plantio está em fase final, devendo ser concluído no começo de julho. A previsão é de redução na área semeada (devendo chegar a 2,2 mil hectares) em favor da cultura do trigo. As condições das lavouras, já implantadas, em sua maioria, podem ser consideradas boas, até momento.

CEVADA

No Paraná, o plantio segue em andamento, dentro da janela ideal, e deverá ser concluído em julho. As lavouras já germinadas seguem em boas condições de desenvolvimento. Devido ao aumento forte no preço do milho, outros cereais que compõem a alimentação animal também se valorizaram, como é o caso do trigo e cevada. Com isso a área de plantio aumentou significativamente este ano (10,2% em comparação a 2020) em detrimento da aveia, chegando a 70,1 mil hectares semeados. O nível tecnológico empregado nessa cultura é o maior dentre os cereais de inverno.

No Rio Grande do Sul, a semeadura vem evoluindo e chegou a 75% dos 35,2 mil hectares previstos para esta safra. Regiões como o Planalto



Médio e Alto Uruguai já estão com as operações bem avançadas, quase concluindo o plantio. Já a região da Serra gaúcha é a mais atrasada e deve encerrar sua execução em julho. Quanto às lavouras já implantadas, cerca de 10% dessas lavouras está em germinação e 90% em desenvolvimento vegetativo. De modo geral, elas apresentam boas condições, até o momento, mas ainda há preocupação com a ocorrência de geadas ao longo do ciclo. A expectativa de redução de área está se confirmando principalmente pelo descontentamento dos produtores com os resultados da última safra, tanto em produtividade quanto em qualidade da colheita.



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL